abc
PORTUGAIS - FRANÇAIS
Portuscale
JORNAL COMUNITÁRIO EM PORTUGUÊS
JOURNAL COMMUNAUTAIRE EN FRANÇAIS
Num. 204 Ano / An 9 - 29 de Janeiro / 29 janvier 2022

MUSEU DO COMBATENTE
www.facebook.com/
museucombatente.oficial

Louis XVI

Não ao Acordo Ortográfico

Louis XVI et la Révolution Française

Ver página 17 VOTOS - Fraude nas inscrições por antecipação??

cont. page 12

Ver na página 11 a chamada de apoio aos Comandos de Portugal

Atenção por favor: o número de conta da Associação de Comandos, saiu errado por nossa culpa, nas últimas edições. Corrigimos hoje, com as nossas desculpas, para o caso de algum dos nossos leitores, quiser colaborar na campanha de apoio iniciada há tempos.

O NIB é: **0033-0000-45536014942-05**

Visitez Le Portugal

A Chuva e o Bom Tempo

Julgando um dever cumprir, sem descer do meu critério
Digo verdades a rir, Aos que me mentem a sério

António Aleixo 1899-1949

Os Oceanos da Língua Portuguesa

Há alguns anos já que o Português falado e escrito foi cedido ao Brasil, vamos lá saber porquê!. Muitos pensam estar a decisão correcta devido aos brasileiros serem um número muito mais elevado que os Portugueses no Mundo...o que poderá estar certo, todavia o valôr duma Língua ancestral, como a nossa, não pode entrar no jogo das comparações de quantidades. O que seria do Inglês de Inglaterra comparado aos milhões de americanos nos USA, não contando com todos os países de Língua inglesa, e apenas não citar a grande e poderosa Índia...seria esmagador.

O problema terá surgido desse grupo de traidores que noutros tempos não muito recuados, teriam sido aprisionados por longo tempo e por vezes, não se saberia ao certo onde estavam nem, o que faziam.

Hoje, tudo é possível. Promove-se a mentira e a nada se responde caso a questão não mereça a atenção do interrogado, se acaso existe. Porque actualmente, bastantes comentadores de qualidade têm vindo a público fazendo críticas ao nosso sistema de informação e de jornalismo unidos num só sector sob a coberta da "*generosidade"* do partido socialista, de quem recebem muitos milhões para serem os *reis mandados* do sistema, publicando o que os boys socialistas ou outros apaniguados escrevem para publicação.

Há muito tempo já que o Brasil, querendo continuar a imprimir novas versões dos nossos poetas e prosadores, sem ser obrigado a alterar descrições não adequadas ao léxico brasileiro, procuravam obter dos Governos Portugueses que passaram pelo Parlamento, as alterações necessárias à modificação do Acordo estabelecido em 1945, que regulava a Língua Portuguesa com a dignidade devida. Foi necessário que um PR português aceitasse um convite de um sindicalista brasileiro que usava as roupas de Presidente para que, em troca dum generoso grande fim-de-semana numa ilha paradisíaca dum Estado do país sul ammericano, o ter transformado e apto a assinar todos os acordos possíveis, na ausência do Povo Português. A **ausência de dignidade** dos dirigentes lusitanos é a rainha de todos os males.

É evidente que a péssima decisão que altera de sobremaneira o muito pouco que possuímos — a nossa Língua — teve seguidores. **Os mesmos do costume.** Que apenas vêem o que se passa à frente do nariz. E para isso, arranjam sempre as "*melhores"*explicações. Serão muito aplaudidos ....pelos brasileiros.....e o seu dialecto abstracto e intraduzível.

Foi portanto com grande prazer e orgulho, que tomei conhecimento das intenções do ilustre Prof. Dr. António Alijó — novo Presidente da Gulbenkian em Lisboa — que desde o acto de ajuramentação do alto posto a que foi destinado por eleição entre os seus pares, afirmou sem "*equívocos",* **que *a Língua Portuguesa* terá de ser respeitada sem exclusão de qualquer consoante.** Temos assim gente capaz para defender o que nos roubaram seja qual for a maneia empregada. Soa muito diferente da promessa feita por MRS aos dirigentes do Movimento contra o Acordo, mais conhecido por *Aborto* Ortográfico.

Pessoas deste tipo, fazem renascer a esperança e o orgulho da portugalidade. Portugal não pode depender de trapalhões, de arruaceiros, nem de vigaristas que de tudo se aproveitam nos seus dia-a-dia, irresponsáveis corruptos, que vivem na ilusão de serem dirigentes de gabarito e nada são. Como o dinheiro nas mãos dos socialistas, estes durarão enquanto durar o dinheiro dos outros.

Raul Mesquita

Eurico Ferro

CAMIONISTA E BOMBEIRO VOLUNTÁRIO

Eurico Ferro, um camionista português de 48 anos, faleceu em França, no domingo dia 19, depois de ter sido agredido por três migrantes que tentaram invadir o seu camião!

Eurico Ferro era um trabalhador português.

Eurico Ferro não era negro, não era cigano, não era muçulmano e não se chamava George Floyd.

E é talvez por essas razões que ainda não ouvimos uma única palavra do primeiro-ministro António Costa ou do presidente Marcelo Rebelo de Sousa, lamentando a morte do cidadão português, nem sequer uma palavra de conforto ou de apoio à família agora enlutada e privada de um pai, de um marido e do salário que antes permitia colocar comida na mesa e pagar as despesas do dia a dia.

E será certamente por essas mesmas razões que o Bloco de Esquerda, o Mamadou Ba ou a Joacine Katar ainda não vieram a público lamentar esta morte, nem acusar os coitadinhos dos migrantes, de racismo ou de xenofobia...

E será seguramente por causa disso que a porcaria da televisão portuguesa não dá esta triste notícia.

AD

Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

NÃO ao Comunismo

"Partido Socialista – que futuro?

Por Henrique Neto

O primeiro cartaz da campanha eleitoral do PS com a fotografia de António Costa diz o seguinte: "Juntos Seguimos e Conseguimos" Trata-se de um cartaz que faz todo o sentido para quem ganhe o salário mínimo, não pague impostos, habite numa casa do Estado ou de renda antiga e, eventualmente, seja funcionário público ou trabalhe na segunda economia. Duvido que o cartaz tenha a mesma eficácia para quem trabalhe numa empresa da primeira economia, pague impostos, renda de casa, ou casa própria, e pense pela sua cabeça. Isto é, trata-se de uma mensagem destinada a preservar um Portugal pobre, endividado, dependente do Estado e com poucas ou nenhumas ideias para desenvolver o País, é um verdadeiro programa destinado a manter a pobreza e aumentar a dependência dos portugueses do Estado socialista. Não é, portanto, a base de um programa destinado a criar riqueza, libertar a sociedade e a desenvolver a independência e a criatividade dos portugueses.

De acordo com o cartaz, vejamos agora aquilo que os portugueses conseguiram com o PS em geral e com António Costa em particular:

1-Vinte anos de estagnação económica, atrás da grande maioria dos países da União Europeia que cresceram mais e com maior aumento do rendimento das famílias.

2-Conseguiram um dos mais altos níveis de impostos da União Europeia e uma das mais baixas proteções do Estado. Recordo os fogos de 2017, os milhares de mortos nos lares de idosos sem qualquer proteção, centenas de milhares de utentes sem médico de família, um Serviço Nacional de Saúde caótico e a perder, ou a abandonar, os seus melhores profissionais. O exemplo da tragédia no lar de Comércio no Porto, ficará para a história como o exemplo do que António Costa conseguiu nos últimos seis anos.

3-Conseguiu ainda a recusa da reforma das leis eleitorais e a manutenção de um regime político de democracia condicionada, com deputados na Assembleia da República escolhidos pelas oligarquias partidárias por razões de fidelidade pessoal e não pelos eleitores portugueses através do voto livre e descomprometido.

4-Conseguiu a manutenção de um regime político de partido quase único, no poder há 18 dos últimos 25 anos, que pretende continuar a fazer mais do mesmo, seguindo a ortodoxia marxista do século XIX que não deu bom resultado em lado algum nos séculos XX e XXI. Modelo que tem permitido criar empregos bem remunerados no Estado e nas organizações dependentes do Estado aos fiéis militantes do PS, ou para os seus companheiros de estrada. O presidente do partido dá o exemplo e tem toda a família com bons empregos.

5- O PS legou-nos um sistema de educação laxista, sem exigência, focado num modelo de ensino universitário burocratizado e desligado da realidade económica e no desconhecimento de que o futuro do País se joga nas creches e no pré-escolar, com o objectivo de interromper o círculo vicioso da pobreza e da ignorância que se reproduz no seio das famílias mais pobres. Além de não permitir que as crianças cheguem à entrada do ensino obrigatório com níveis de desenvolvimento semelhantes.

6- O PS vai deixar-nos uma ferrovia mantida teimosamente em bitola ibérica, com comboios que não saem de Portugal, com a perda de milhares de milhões de euros de fundos destinados à sua modernização, à integração na rede europeia e ficando a nossa economia dependente da Espanha para o transporte das mercadorias portuguesas da e para a Europa.

7- Conseguiu ainda a protecção das grandes empresas do regime, como a EDP, REN, Efacec e Novo Banco, como no passado recente, o BES, o BPN, BPP, BANIF, empresas principalmente dos sectores de bens não transacionáveis. Conseguiu o privilégio político do mercado interno e a despreocupação com o investimento externo e as exportações. Igual despreocupação com a excessiva dualidade da nossa economia em que os apoios direcionados para a parte mais pobre e mais dependente do Estado que serve os interesses da manutenção do PS no poder, mas não serve o País ou o futuro dos portugueses.

8- O PS conseguiu ainda tornar-se dependente das exigências do PCP e do Bloco de Esquerda, dependência que tem aumentado a despesa fixa do Estado e reduzido a quantidade e a qualidade do trabalho, além de aumentar o conservadorismo do poder político, incapaz das mudanças que a passagem do tempo exige e que são urgentes para melhorar a competitividade da economia portuguesa. A cedência ao PCP na nacionalização da TAP, que interrompeu um ciclo de grande crescimento da empresa enquanto privada, terá custos insustentáveis no futuro da empresa e do País.

9- Foi-nos legada uma política energética inventada por José Sócrates e continuada por António Costa, baseada no excesso de energias renováveis, para mais as mais fortemente intermitentes, fazendo com que Portugal tenha os custos mais elevados da Europa para as famílias e empresas, que os portugueses tenham frio nas suas casas, que os transporte públicos e privados sejam ambientalmente desadequados, além de escassos e de má qualidade e que cresçam os níveis de importação de energia de Espanha, Marrocos e França, países com critérios menos fundamentalistas nas questões do ambiente. Tudo isto apesar da capacidade de produção de electricidade instalada em Portugal ser mais do dobro do consumo, tornado Portugal um caso extremo de estupidez na sua política energética.

10-Finalmente, a corrupção ficará como uma marca distintiva da governação de José Sócrates e de António Costa, corrupção conhecida por minar a democracia e atrasar o processo de modernização e de progresso dos países. Talvez que Manuel Pinho, mais do que Ricardo Salgado ou outros da longa lista de corruptos conhecidos, seja o exemplo mais pedagógico da governação do PS. Este ex-ministro do PS não viu nada, não soube de nada e não favoreceu nada. A Justiça é, por definição, a culpada de tudo.

António Costa é essencialmente um homem do passado, um produto estagnado da luta contra o anterior regime, que utiliza alguma inteligência e sabedoria política para se manter no poder, que é o seu único grande objectivo, depois de ter perdido as eleições de 2015. É a continuação de José Sócrates, uma continuidade que conduziu à negação dos valores do Partido Socialista de Mário Soares e a tornar o partido dos ideais democráticos do 25 de Abril na enorme família dos interesses que é hoje.

O mal que o Partido Socialista fez a Portugal e aos portugueses, nomeadamente às futuras gerações, não tem perdão. Estamos a viver um dos piores períodos da nossa história, com mais de vinte anos de estagnação económica, com uma corrupção galopante e com a certeza de que mesmo as poucas melhorias havidas não são sustentáveis porque a economia não o permite. O cartaz que me conduziu a escrever este texto é o melhor exemplo de um partido que hoje sobrevive do passado e dedicado a desconhecer e a negar o futuro".

Dénoncer le Mensonge de l'Apartheid en Israël

par Richard Kemp

Traduction du texte original: Exposing the Lie of Israel Apartheid

- La rupture des relations diplomatiques entre Israël et l'Union Soviétique est devenue inévitable après l'écrasement des offensives militaires arabes de 1967 et 1973. Au cours de cette période, tout espoir qu'Israël devienne un « client » de l'Union soviétique s'est progressivement évaporé. Les armées arabes avaient été humiliées et Moscou qui les avait parrainées, entraînées et équipées aussi. Les Soviétiques ont alors changé de politique et ont entrepris de délégitimer Israël. Leur objectif principal a été de faire du pays lui-même une arme dans la guerre froide contre les États-Unis et l'Occident.

- « Il nous faut répandre dans le monde islamique une haine des Juifs identique à celle qui a saisi les nazis, et cette arme des émotions doit être transformée en un bain de sang terroriste contre Israël et son principal soutien, les États-Unis. » — Propos tenus par Youri Andropov, président du KGB (devenu ensuite secrétaire général du Parti communiste soviétique), et rapportés par le général Ion Pacepa, ancien chef des services de renseignement roumains.

- Outre la mobilisation du monde arabe en faveur de la cause soviétique, Andropov et ses collègues du KGB se sont également préoccupés d'agir sur les populations des pays démocratiques. A l'initiative du Kremlin, ce conflit qui avait pour but évident de détruire Israël a été transformé en une lutte pour les droits de l'homme et pour la défaite d'un occupant impérialiste illégitime parrainé par les États-Unis. Le Djihad religieux – pour les musulmans, une terre qui été une fois sous contrôle islamique ne doit plus sortir du giron de l'islam – a été transfiguré en nationalisme laïc et droit à l'autodétermination, notions bien plus acceptables pour les démocraties occidentales. Ce masque jeté sur une guerre terroriste vicieuse, était même susceptible de provoquer un large soutien populaire.

- Pour atteindre leur objectif, les Soviétiques ont créé de toutes pièces une identité nationale palestinienne et ont propagé un récit de Juifs sans droits occupant une terre par la violence. Selon Pacepa, l'Organisation de libération de la Palestine (OLP) a été créée par le KGB au début des années 1960, en même temps que d'autres mouvements dits de libération nationale un peu partout dans le monde. Il a ajouté que la Charte nationale palestinienne a été rédigée en 1964 à Moscou. Ce document est au fondement de l'invention et de l'établissement d'une nation palestinienne totalement artificielle.

- Les détails des opérations terroristes parrainées par Moscou au Moyen-Orient et ailleurs sont exposés dans les 25 000 pages d'archives du KGB copiés puis sortis clandestinement de Russie au début des années 90 par l'archiviste principal du KGB Vassili Mitrokhine. Les archives Mitrokhine sont aujourd'hui déposées au Churchill College de Cambridge au Royaume-Uni.

- A l'origine, la charte pour la « Palestine » ne revendiquait pas la Cisjordanie ou la bande de Gaza. Tous les droits afférents à ces territoires ont été explicitement répudiés, les « Palestiniens » estimant - à tort – qu'ils revenaient à la Jordanie et à l'Egypte. La revendication de l'OLP visait en réalité le territoire israélien. Ce n'est qu'après la guerre de 1967 quand Israël a expulsé ces occupants illégaux qu'étaient la Jordanie et l'Egypte, que la Cisjordanie et la bande de Gaza ont été rebaptisées territoires palestiniens.

- Moscou a d'abord fait campagne à l'ONU contre les Juifs israéliens qu'il a présenté comme un oppresseur de ce «peuple palestinien» qu'ils avaient inventé en 1965. Leurs tentatives de stigmatiser le sionisme comme une forme de racisme ont d'abord échoué. Il leur a fallu attendre une décennie pour que la tristement célèbre résolution 3379 qui a tracé une équivalence entre le sionisme et le racisme recueille une majorité à l'Assemblée générale des Nations Unies. .

- Zouheir Mohsen, un haut dirigeant de l'OLP, l'a admis en 1977 : « Le peuple palestinien n'existe pas. La création d'un État palestinien n'est qu'un outil de lutte contre l'État d'Israël en vue d'aboutir à l'unité arabe... Ce sont des raisons politiques et des raisons tactiques qui nous obligent à parler aujourd'hui de l'existence d'un peuple palestinien. Les intérêts nationaux arabes exigent que l'on postule l'existence d'un « peuple palestinien » autonome opposable au sionisme. Oui, l'existence d'une identité palestinienne distincte n'a qu'un intérêt tactique. »

- Les archives Mitrokhine montrent que Yasser Arafat et son successeur à la tête de l'OLP, Mahmoud Abbas, actuel président de l'Autorité palestinienne, étaient des agents du KGB. Tous deux ont joué un rôle déterminant dans les opérations de désinformation et les campagnes terroristes du KGB.

- Concernant ses relations avec Washington, Ceausescu a déclaré à Arafat en 1978 : « Vous devez simplement prétendre encore et encore que vous êtes prêts à rompre avec le terrorisme et que vous allez reconnaîtrez Israël ».

- Les bons conseils de Ceausescu ont été étayés par ceux du général communiste nord-vietnamien Vo Nguyen Giap. A l'occasion d'une de ses nombreuses rencontres avec Arafat, Giap a déclaré : « Cessez de parler d'anéantir Israël. Dites que votre guerre terroriste est une lutte pour les droits de l'homme. Vous verrez, les Américains viendront vous manger dans la main ».

- La formation soviétique d'Abbas se remarque à ce que, tout comme Arafat son prédécesseur, il rejette systématiquement les offres de paix d'Israël et parraine le terrorisme en parlant continuellement de paix.

- L'historien américain David Meir-Levi affirme que le mouvement palestinien créé par Moscou, est « le seul mouvement de libération nationale au monde, et dans toute l'histoire de l'humanité, qui a pour raison d'être la destruction d'un État souverain et le génocide d'un peuple.

- La propagande de Moscou a été considérablement affaiblie en 2020 par le rapprochement entre Israël et les États arabes. Quand il y une volonté politique américaine, la propagande autoritaire s'affaisse ; les accords d'Abraham ont changé la donne. Telle est la leçon qu'il est possible de tirer de toute cette affaire.

Les Soviétiques ont progressivement développé une politique de délégitimation d'Israël. L'existence même d'Israël devait devenir une arme dans la guerre froide contre les États-Unis et l'Occident. Pour atteindre leur objectif, les Soviétiques ont créé de toutes pièces une identité nationale palestinienne et ont promu un récit de Juifs sans droits occupant une terre qui n'était pas la leur par la violence. Selon Pacepa, l'Organisation de libération de la Palestine (OLP) a été créée par le KGB au début des années 1960. Photo : le président de l'OLP, Yasser Arafat (à droite) dépose une gerbe au mausolée de Lénine lors de sa 12e visite à Moscou, le 30 août 1977. (Photo par STF/AFP via Getty Images)

Le mois dernier, l'Assemblée générale des Nations Unies a réaffirmé son

implacable hostilité envers l'un de ses États membres. A une écrasante majorité – 125 pour, 8 contre et 34 abstentions - elle a voté une résolution sans précédent qui autorise le Conseil des droits de l'homme (CDI) à constituer une Commission d'enquête permanente (CEP) sur les allégations de crimes de guerre et de violations des droits de l'homme commis par Israël. Le budget destiné à financer la première année de fonctionnement de ladite commission - 5,5 millions de dollars prélevé sur l'argent du contribuable – est le double du budget qui avait été institué pour la commission du HCR dédiée à la guerre civile syrienne.

Depuis sa création en 2006, le Conseil des droits de l'homme a lancé 32 enquêtes, dont neuf – soit un tiers – ont ciblé Israël. Mais cette Commission d'enquête permanente, la seule qui ait jamais été mise en place, vise bien entendu Israël. Elle n'a aucune limite de temps et tous les aspects lui sont ouverts. Les États-Unis ont voté contre cette décision, affirmant qu'elle « perpétue une pratique consistant à singulariser injustement Israël à l'ONU ». L'Australie elle, s'est abstenue affirmant avec son franc-parler caractéristique : « *Nous nous opposons aux préjugés anti-israéliens ».*

Comme les États-Unis, l'Australie et quelques autres pays ont des raisons de le craindre, Israël sera inévitablement déclaré coupable de *« discrimination et de répression systématiques basées sur des critères d'identité nationale, ethnique, raciale ou religieuse »*, tous sujets sur lesquels cette CEP entend vouloir enquêter.

A l'évidence, la CEP veut épingler Israël comme un *« État d'apartheid ».* Ce mensonge sera ensuite repris à travers le monde, alimentant partout la haine contre les Juifs. Yair Lapid, ministre israélien des Affaires étrangères imagine déjà le *« venin sans précédent ou le caractère radioactif que vont susciter les mots « Israël, État d'apartheid »*.

Le mensonge de *« l'apartheid israélien »* a été inventé par Moscou pendant la guerre froide. Une implacable campagne de propagande a propulsé ce mensonge à l'ONU, dans tout le Moyen-Orient et en Occident. Partout et tout le temps, les médias soviétiques ont répété qu'Israël était l'Afrique du Sud et des livres intitulés « Sionisme et Apartheid », ont fait l'objet d'une publication officielle notamment en Ukraine, alors province de l'Union soviétique.

Les étudiants parfois naïfs, parfois malveillants qui, dans le monde entier, vont empoisonner leur université, comme chaque année, avec une *« semaine de l'apartheid israélien »* ne font que régurgiter la propagande soviétique que leurs prédécesseurs ont annoné avant eux, des décennies durant. Ces étudiants et tous les nombreux autres ennemis d'Israël utilisent le slogan « *apartheid »* sans tenir compte du fait qu'à aucun égard, à aucun moment et sous aucun angle rationnel possible, Israël ne mérite ce qualificatif. Mais ils le répètent car il s'agit d'un slogan simple à comprendre, qui engendre le dégoût et qui rallie les gens à la cause anti-israélienne. C'est pour toutes ces caractéristiques que Moscou l'a mis au point.

L'apartheid n'est qu'un élément de la plus intense et la plus longue campagne d'insultes diffamatoires jamais organisée contre Israël par le Kremlin, le KGB mobilisant pour l'occasion les formidables ressources des services de renseignement de l'URSS. Cette campagne de désinformation soviétique est sans doute la plus réussie –il y en eut d'autres, nombreuses – car elle perdure encore aujourd'hui et gagne même en force, plus de 50 ans après sa conception et 30 ans après l'effondrement de l'URSS.

Comprendre les origines et l'évolution de ce projet malveillant est essentiel pour combattre la guerre politique menée en continu contre Israël et les Juifs. Mais aussi pour comprendre toutes les campagnes de désinformation menées contre l'Occident par des États autoritaires comme la Russie, la Chine et l'Iran. Pour avoir un aperçu même superficiel du schéma qui a été soigneusement conçu, un voyage dans l'histoire est nécessaire.

Israël a été recréé en 1948 par la résolution 181 consécutive à un vote de l'Assemblée générale des Nations Unies. Le nouvel État a d'abord mené une politique de non-alignement. Entouré d'ennemis, il avait besoin du soutien économique et d'armes en provenance des États-Unis, de l'URSS et de leurs alliés. Compte tenu de l'importance des idées socialistes en Israël, les dirigeants soviétiques s'attendaient à ce que le nouvel Etat devienne communiste et rejoigne la sphère d'influence de l'URSS, renforçant ainsi le dispositif soviétique au Moyen-Orient et accentuant le choc frontal avec l'Occident. En 1948, Staline a rapidement reconnu Israël dans le but, saper la domination britannique au Moyen-Orient.

Les efforts manifestes et secrets de Moscou pour attirer Israël dans l'orbite soviétique se sont rapidement révélés vains. Les pressions subies pendant la guerre froide dans les années 1950, des considérations de politique intérieure et l'importance de l'antisémitisme en Union soviétique, ont amené le Premier ministre israélien David Ben Gourion à aligner son pays sur l'Occident. L'un des premiers signes de cet alignement a été le soutien apporté aux États-Unis dans la guerre menée en Corée sous l'égide de l'ONU, contre l'hégémonie soviétique.

La participation d'Israël à la campagne de Suez aux côtés du Royaume-Uni et de la France en 1956 lui a aliéné davantage encore le gouvernement soviétique. Moscou a écrit une lettre à Jérusalem (ainsi qu'à Paris et Londres) pour les menaçer de représailles par missiles et d'un soutien militaire direct aux côtés de l'armée égyptienne.

La rupture des relations diplomatiques entre Israël et l'Union Soviétique est devenue inévitable après les victoires d'Israël sur les coalitions militaires arabes passées à l'offensive en 1967 et en 1973. Tout espoir qu'Israël tombe dans le giron soviétique s'est alors progressivement évaporé. Les armées arabes avaient été humiliées et Moscou qui les avait parrainées, entraînées et équipées, aussi. Les Soviétiques ont alors changé de politique et ont entrepris de délégitimer Israël. Leur objectif principal a été de faire du pays lui-même une arme dans la guerre froide contre les États-Unis et l'Occident.

Le Kremlin ayant admis que les guerres conventionnelles contre Israël se révélant des échecs il a eu recours au terrorisme. Moscou a commandité, entraîné, financé et armé des groupes de miliciens arabes tels que le Front populaire de libération de la Palestine (FPLP), le FPLP-Commandement général (FPLP-CG), le Front démocratique de libération de la Palestine (FDLP) et le Fatah. C'est ainsi que des attaques en série ont été menées contre des cibles israéliennes et juives, sans oublier les vagues successives de détournements d'avions.

En Europe, les Soviétiques ont utilisé les mêmes tactiques terroristes, armant des groupes comme Baader-Meinhof et la Fraction Armée rouge. Les détails de ces opérations terroristes parrainées par Moscou au Moyen-Orient et ailleurs sont relatées dans les 25 000 pages d'archives du KGB copiées à la main puis sorties clandestinement de Russie au début des années 90 par l'archiviste principal du KGB, Vassili Mitrokhine. Ces archives sont aujourd'hui déposés au Churchill College de Cambridge, au Royaume-Uni.

Le général Ion Pacepa, chef du renseignement roumain, a joué un rôle important dans les opérations du bloc soviétique qui ciblaient Israël et les États-Unis. En 1978, il a été le plus haut gradé du renseignement à avoir fui la sphère soviétique pour passer à l'ouest. Au milieu d'un ensemble de révélations, il a fourni des détails sur les opérations du KGB contre Israël.

Pacepa affirme que le président du KGB, Yuri Andropov (qui a succédé à Brejnev en tant que Secrétaire général du Parti communiste de l'Union soviétique), lui a dit :

« Il nous faut répandre dans le monde islamique une haine des Juifs semblable à celle qui a saisi les nazis, et cette arme des émotions doit être transformée en un bain de sang terroriste contre Israël et son principal soutien, les États- Unis. »

C'est ainsi que la propagande a été placée au cœur de la guerre anti-israélienne/anti-américaine menée par Moscou au Moyen-Orient. Andropov a dit à Pacepa :

« L'Islam est obsédé par l›idée d›empêcher les infidèles d›occuper son territoire, et il sera très réceptif à l'mage d'un Congrès américain présenté comme une entité sioniste rapace qui veut faire du monde un fief juif. »

En d'autres termes, les Arabes étaient perçus comme un instrument facile à manier dans la guerre de propagande anti-israélienne. Les rôles étant déjà fixés, il suffisait juste de mieux cibler, d'intensifier et de financer la propagande.

C'est dans ce cadre que le Kremlin a conçu l'opération SIG, une campagne de désinformation destinée *« à mobiliser l'ensemble du monde islamique contre Israël et les États-Unis ».* Pacepa a rapporté qu'en 1978, dans le cadre de l'opération SIG, le KGB a dispatché dans le monde arabe plus de 4 000 « *influenceurs »* en provenance du bloc soviétique pour traduire en arabe, imprimer et diffuser des tonnes de propagande anti-israélienne et anti-juive.

Les « Protocoles des Sages de Sion » ont été au cœur de ce dispositif. Ce faux antisémite entièrement fabriqué révélait le soi-disant plan secret des Juifs pour dominer le monde en manipulant l'économie, en contrôlant les médias et en favorisant les conflits religieux. Les « *Protocoles »* ont en réalité été écrits par des agents de la police secrète tsariste et les nazis ont trouvé très utile d'intégrer ce document à leur propagande antisémite.

Andropov et ses collègues du KGB n'ont pas borné leurs efforts au monde arabe. Le Kremlin a voulu agir simultanément au sein du monde démocratique, et pour ce faire, il a transfiguré le conflit israélo-arabe. Ce qui était à l'origine une simple guerre de destruction d'Israël est devenu une lutte pour les droits de l'homme et pour la libération nationale contre un occupant impérialiste illégitime parrainé par les États-Unis. Pour rendre le djihad religieux acceptable aux populations des démocraties occidentales - la doctrine islamique exige que toute terre ayant été une fois sous contrôle musulman doit être reconquise par l'islam -, il a fallu le transfigurer en un nationalisme laïc et en droit à l'autodétermination politique. Il était même escompté que cette couverture jetée sur une guerre terroriste particulièrement vicieuse, finisse par recueillir un large soutien politique.

C'est ainsi que les Soviétiques ont créé de toutes pièces une identité nationale palestinienne assortie d'un narratif qui faisait des Juifs de purs agresseurs sans aucun droit territorial. Selon Pacepa, le KGB a créé l'Organisation de libération de la Palestine (OLP) au début des années 1960, parallèlement à la création de dizaines d'autres mouvements dits de libération nationale dans d'autres parties du monde. La Charte nationale palestinienne a été rédigée en 1964 à Moscou. Ce document est au fondement de l'invention d'une nation palestinienne totalement artificielle.

La Charte « palestinienne » initiale ne comportait aucune revendication territoriale sur la Cisjordanie ou la bande de Gaza. Elle renonçait même explicitement à ces territoires au nom de la souveraineté jordanienne et égyptienne. La revendication de l'OLP ne portait que sur le territoire d'Israël. Ces dispositions ont été modifiées après la guerre de 1967, quand Israël a expulsé les Jordaniens et les Egyptiens de ces territoires qu'ils occupaient illégalement. C'est à ce moment-là que la Cisjordanie et la bande de Gaza ont, pour la première fois, été rebaptisées « *territoires palestiniens ».*

La première mention d'un «peuple palestinien» pour désigner les Arabes de Palestine est apparue dans la charte de 1964. Auparavant, et en particulier pendant le mandat de la Société des Nations pour la Palestine (1919-1948), le terme « Palestiniens » n'était utilisé que pour désigner les Juifs vivant sur le territoire.

Zouheir Mohsen, un haut responsable de l'OLP, a admis en 1977 :

« Le peuple palestinien n›existe pas. La création d›un État palestinien n›est qu›un moyen de poursuivre la lutte contre l›État d›Israël en vue de l›unité arabe... Ce sont des raisons politiques et des raisons tactiques qui font que nous parlons aujourd›hui de l›existence d›un peuple palestinien. Les intérêts nationaux arabes exigent que l›on postule l›existence d'un ***« peuple palestinien »*** *autonome pour l›opposer au sionisme. Oui, l'existence d'une identité palestinienne distincte n'existe que pour des raisons tactiques. »*

Cette évidence a été reprise publiquement, souvent par inadvertance, par d'autres dirigeants palestiniens. Alan Hart, auteur de *« Arafat : A Political Biography »* publié en 1984, cite le chef de l'OLP, Yasser Arafat qui déclare : *« Le peuple palestinien n›a pas d›identité nationale. Moi, Yasser Arafat, l'homme de la destinée, je leur donnerai cette identité à travers le conflit avec Israël ».*

C'est à l'ONU, en 1965, que Moscou a commencé de camper les Juifs israéliens en oppresseurs de ce « peuple palestinien » qu'ils venaient d'inventer. Leur tentative d'instituer le sionisme comme une forme de racisme n'a pas réussi tout de suite. Il leur a fallu attendre une décennie pour que la tristement célèbre résolution 3379 qui instituait « le sionisme (comme) une forme de racisme et de discrimination raciale » recueille une majorité à l'Assemblée générale des Nations Unies. Sans la détermination des États-Unis, cette résolution n'aurait pas été révoquée en 1991 comme elle l'a été. Néanmoins, l'idée que le sionisme est une forme de racisme a entre temps gagné du terrain au point qu'elle est aujourd'hui encore, fréquemment invoquée par les militants anti-israéliens.

Les archives Mitrokhine établissent que Yasser Arafat et son successeur à la tête de l'OLP, Mahmoud Abbas, aujourd'hui président de l'Autorité palestinienne, ont été des agents du KGB. Tous deux ont joué un rôle déterminant dans les opérations de désinformation du KGB ainsi que dans ses campagnes terroristes.

Moscou, à travers l'Égypte, avait installé Arafat à la tête de l'OLP en 1969 et son soutien l'y a maintenu contre la dissidence interne qui a fait suite à l'expulsion de l'OLP de Jordanie en 1970. Selon Pacepa :

« En 1969, le KGB a demandé à Arafat de déclarer la guerre à l»impérialo-sionisme› américain.... La formule a tellement séduit Arafat qu›il a prétendu plus tard avoir inventé ce cri de guerre. Mais en fait, « impérialo-sionisme » était une invention de Moscou, une adaptation moderne des Protocoles des Sages de Sion et, depuis longtemps, un des outils préférés des services secrets russes pour fomenter la haine ethnique. Le KGB a toujours considéré l›antisémitisme plus l›anti-impérialisme comme une importante source d›anti-américanisme ... »

Moscou avait assigné à la Roumanie la tâche de soutenir l'OLP, et Pacepa, tout au long de sa carrière au KGB, a été l'officier traitant d'Arafat. Chaque mois, pendant les années 1970, il a fourni à Arafat 200 000 $ d'argent blanchi. Pacepa a également facilité les relations d'Arafat avec le président roumain Nicolae Ceaușescu, un maître propagandiste qui lui a appris à tromper l'Occident. En 1978, Ceaușescu a recommandé à Arafat de s'adresser à Washington dans les termes suivants : « *Vous devez simplement prétendre encore et toujours que vous romprez avec le terrorisme et que vous reconnaîtrez Israël.*

L'excellence du conseil de Ceaușescu a été certifiée par le général communiste nord-vietnamien Vo Nguyen Giap, qu'Arafat a rencontré à plusieurs reprises : « *Arrêtez de parler d'anéantir Israël et transformez plutôt votre guerre terroriste en une lutte pour les droits de l'homme. A ce moment-là, même le peuple américain vous mangera dans la main ».* (Cité in David Meir-Levi auteur de « History Upside Down: The Roots of Palestinian Fascism and the Myth of Israeli Aggression », «Histoire inversée : les racines du fascisme palestinien et le mythe de l'agression israélienne») Un document interne du KGB révélé en Occident grâce aux archives Mitrokhine indiquait *: « Krotov [nom de code de Mahmoud Abbas] est un agent du KGB ». Le KGB définit les agents de la façon suivante : ceux qui « exécutent régulièrement, systématiquement et secrètement des missions de renseignement, tout en maintenant secrètement le contact avec un responsable de l'agence ».*

Entre autres tâches, Abbas a été utilisé par le KGB pour des actions de propagande accusant « l'impérialisme occidental et le sionisme » de coopérer avec les nazis. Au début des années 1980, Abbas a fréquenté une université de Moscou contrôlée par le KGB. Là, sous la supervision de son professeur devenu plus tard un haut responsable politique communiste, Abbas a écrit une thèse de doctorat niant l'Holocauste et accusant les sionistes d'avoir collaboré avec Hitler.

Abbas entre maintenant dans la 18e année de son mandat de quatre ans à la tête de l'Autorité Palestinienne. Comme son prédécesseur Arafat, il a systématiquement parlé de paix tout en rejetant les offres d'Israël et en parrainant le terrorisme, ce qui montre l'influence résiduelle de ses maîtres soviétiques.

La campagne de désinformation du KGB a transformé l'image d'Israël. Simple outsider régional entourés d'ennemis puissants, il est aujourd'hui considéré comme un occupant colonialiste haï par un peuple palestinien opprimé. Aujourd'hui encore, ce narratif est plus puissant que jamais.

L'historien américain David Meir-Levi affirme que le mouvement palestinien créé par Moscou, est « *le seul mouvement de libération nationale au monde, et dans toute l'histoire de l'humanité, qui a pour raison d'être la destruction d'un État souverain et le génocide d'un peuple* ». Ces deux axes sont parfaitement explicites dans la charte du Hamas, mais sont plus dissimulés dans les déclarations sous influence soviétique de l'Autorité palestinienne d'Abbas, surtout quand ces déclarations s'adressent aussi à l'Occident.

le rapprochement de 2020 entre Israël et plusieurs États arabes. La leçon à tirer est que là où il y a une réelle volonté politique américaine, la propagande autoritaire soviétique cède le pas. La volonté politique qui a abouti aux accords d'Abraham a changé la donne au Moyen Orient. Si ce projet avait été vigoureusement poursuivi après son succès initial, il aurait pu éventuellement conduire à l'effondrement du projet palestinien initié par les Soviétiques et peut-être même à une forme de paix entre Israël et les Arabes palestiniens. Ce but n'est pas hors d'atteinte aujourd'hui encore, si

Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

les États-Unis affichent une réelle volonté de le mener à bien.

Le vote de décembre de l'Assemblée générale des Nations Unies et la détermination du Conseil des droits de l'homme de faire d'Israël un État raciste pratiquant l'apartheid prouvent que la guerre froide soviétique continue de sévir. Et que la plupart des nations occidentales s'alignent servilement sur la propagande soviétique.

La Grande-Bretagne par exemple, déjà alignée sur les États arabes en raison du pétrole et de l'antisémitisme de sa classe politique et de sa haute administration est le meilleur exemple d'un pays disposée à avaler en bloc, hameçon, ligne et plomb d'un seul coup, l'invention soviétique d'un conflit entre le nationalisme palestinien et l'oppression juive. Aujourd'hui encore, toute déclaration concernant Israël en provenance d'un fonctionnaire ou d'un ministre britannique fait inévitablement écho à la ligne du KGB.

Aux États-Unis, sous l'impulsion des médias, le soutien populaire à Israël s'est érodé et les divisions suppurantes qu'il provoque, sont la preuve du succès des fantômes soviétiques contre leur cible principale : l'Amérique.

Les principales victimes cependant, ont été les Arabes palestiniens, dont la vie s'est aggravée ; mais aussi les Juifs de la diaspora qui ont souffert d'un antisémitisme disproportionné généré par la propagande soviétique. L'aggravation des difficultés de vie des Palestiniens n'était peut-être pas prévue mais elle ne présente aucun intérêt pour Moscou ; quant à la montée de l'antisémitisme, elle faisait partie intégrante du plan.

Les Israéliens ont bien sûr payé le prix fort du terrorisme et de la propagande du KGB, mais ils ont survécu et prospéré en dépit d'une énorme pression. La raison de cette exceptionnelle résilience a été donnée par le général nord-vietnamien Giap, qui comme nous l'avons vu, a autrefois conseillé Arafat. Si l'on en croit le Dr Eran Lerman, ancien conseiller adjoint israélien à la sécurité nationale Giap aurait expliqué la chose suivante :

« Les Palestiniens qui viennent me voir me demandent toujours : ‹ *Vous avez expulsé les Français et les Américains. Comment pouvons-nous expulser les Juifs ?› Je leur dis que les Français sont retournés en France et les Américains en Amérique. Mais les Juifs n'ont nulle part où aller. Vous ne les expulserez pas.* »

Le colonel Richard Kemp est un ancien commandant de l'armée britannique. Il a dirigé l'équipe de lutte contre le terrorisme international au sein du Cabinet Office britannique et il est maintenant écrivain et conférencier sur les affaires internationales et militaires. Il est membre de la Jack Roth Charitable Foundation du Gatestone Institute.

✡ ✡ ✡

LANÇADO ÀS FERAS

Por António Borges de Carvalho
Imagem da net.br

Moedas ganhou! Porreiro, mas... coitado dele.

Lembro-me dos tempos em que o PS e a cáfila da esquerda deram cabo da vida ao **Santana Lopes** na CML. Ele foi túnel do Marquês, o caso do Parque Mayer, o projecto Ghery, tudo fizeram para boicotar toda e qualquer iniciativa. Só nestes casos, os prejuízos, para a CML, saldam-se em centenas de milhões de euros, tudo sem que a esquerda tenha assumido qualquer responsabilidade. Houve casos em que o PS chegou a votar a favor e depois contra, só a bem da destruição da cidade e do seu cortejo de prejuízos. Fui testemunha de onde pode levar o ódio político e pessoal daqueles que passam a vida a atacar declarações que classificam de ódio, sem saber ver-se ao espelho.

Com **Moedas,** algo me diz que vai ser ainda pior. Vai valer tudo para dar cabo dele. Sem maioria na Câmara nem na Assembleia, **Moedas** vai ser alvo de todos os boicotes, de todos os insultos, de todas as perseguições. Sem escúpulos nem limites, a esquerda vai dar largas à "*qualidade"* moral que sempre a caracterizou, ou seja, ao ódio sem peias . Fugindo-lhe a boca para a verdade, dona Catarina já declarou que jamais falará com ele. Mentira, falará o que for preciso para o destruir. No seguimento do Costa, seu chefe e modelo, que não segoceia à direita, nem que, para tal, conscientemente, prejudique a capital e o país.

Moedas não será salvo por ter ideias, sejam elas quais forem. Se preciso for, até contra si própria a esquerda tudo fará para dar cabo dele. Não será salvo pelo seu currículo, pela sua intenção de dialogar, pela obra que quiser realizar. Contra o ódio da esquerda não há defesa possível. A alcateia triunfará.

O **fascismo** dos nossos dias é de esquerda.

Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

Crónicas de Lisboa

A Primeira Viagem da Minha Vida

Serafim Marques
Economista (Reformado)

Todos nós podemos eleger uma primeira viagem que tenhamos efectuado na nossa vida, que nos marcou, mesmo que seja uma simples ida a Cacilhas no velhinho barco *"cacilheiro",* quase em vias de extinção. Para os não lisboetas, não familiarizados com esta expressão, direi que significa fazer uma viagem, de passeio, juntamente com os milhares de pessoas que os usam, diariamente, como meio de deslocação para e dos seus

locais de trabalho, e atravessando o rio Tejo, de Lisboa a Cacilhas, no lado sul. Também os turistas, nacionais e estrangeiros, gostam de fazer esta viagem de cerca de dez minutos e que permite, desde o rio, desfrutar duma imagem panorâmica da cidade de Lisboa, principalmente grande parte da sua extensão ribeirinha. Pessoalmente e mais do que eleger *"a viagem da minha vida",* o que pretendo trazer à memória é a minha primeira viagem de combóios, digo combóios porque a viagem incluiu três e também uma viagem de barco, eu que nunca tinha visto o mar, mesmo que fosse o *"mar da palha",* onde desagua o nosso principal rio, o Tejo, no início dos anos sessenta, mas não foi uma viagem de família, apesar dos meus onze anos!

Ao tempo, a escola primária ensinava variada matéria da geografia do país, tal como as serras, os rios, as linhas dos caminhos de ferro, hoje muitas desativadas, etc, etc. Até ao 25 de Abril, a escola primária usava como matriz do território as linhas férreas e ramais que as crianças não só eram obrigadas a saber de cor como apontar e explicar no mapa do país, que estava cheio de riscos de várias cores, dentre eles as linhas férreas, compostas pelas linhas principais (linha do Norte, de Lisboa ao Porto; linha da Beira Alta, da Figueira da Foz a Vilar Formoso; linha do Sul e Sueste, do Barreiro a Faro; linha do Douro, do Porto a Barca de Alva, etc) e os Ramais, de menores percursos e de ligação às linhas principais e, normalmente, de *"via estreita"* (entre os carris) e aproveitando os percursos dos rios (tal como o Douro na linha do mesmo nome e do Tejo, na linha da Beira Baixa) por cujas encostas serpenteavam: por exemplo, dos muitos, a linha do Vouga (rio) de Viseu a Espinho; linha do Dão (rio) de Viseu a Santa Comba Dão; linha do Tâmega (rio) da Régua a Chaves; linha do Tua (rio) do Tua a Bragança; linha do Sabor (rio) do Pocinho a Duas Igrejas, lá bem no nordeste do país, etc, etc.

Foi assim que eu, nascido e criado numa aldeia de ruralidade profunda, à época, mas hoje já não é assim, apesar de distar apenas uma dezena de quilómetros da capital de distrito, iniciei a minha primeira viagem de comboio, julgando eu que, quando ouvia falar em caminhos de ferro, pensava que eram como que *"estradas de ferro"* em vez de alcatrão. Afinal, algo que havia aprendido na escola, ensino concluído poucos meses antes, eu iria aplicar na realidade duma amostra de viagens de combóio.

Embarquei, com onze anos e em outubro de 1961, feita a instrução primária de 1957/61, "rumo ao sul" ou, melhor, "*rumo ao inferno".*

Assim, de Viseu a Santa Comba Dão (SCD), pelo ramal do Dão, com combóios de linha estreita e puxados por locomotivas a carvão e com carruagens de madeira, com as faúlhas a entrarem pelas janelas.

As muitas paragens e apeadeiros servidos pela linha e outras paragens para meter carvão e água na locomotiva, tornavam a viagem daquele percurso, de cerca de cinquenta quilómetros, numa *"eternidade de tempo".* Depois, apanhar o comboio da Linha da Beira Alta (vindo de Vilar Formoso), com carruagens acopladas na estação da Pampilhosa ao comboio provindo da cidade do Porto na Linha do Norte até Lisboa, estação terminal de Santa Apolónia.

O fumo e a sinuosidade da linha do *"ramal do Dão"* deram-me a volta ao estômago levando-me a "*expelir"* os bocaditos do farnel da viagem (broa de milho e coelho) que a minha mãe meteu dentro duma saca de pano. Situação embaraçosa, ocorrida já dentro da carruagem, parada ainda em S.C. D**ão** e abarrotada de gente, pois o comboio era um dos principais meios de deslocação, porque sair da carruagem para ir ao fontanário ali existente, tal como era habitual em muitas das estações do país, lavar as mãos, que foram o recipiente que segurou os "*detritos gástricos",* foi uma situação de risco, pois o comboio poderia iniciar a marcha e eu ali ficaria apeado juntamente como o meu "*camarada do rancho"*, dois anos mais velho do que eu. E já era de noite. Mas, felizmente, regressámos ao assento e a viagem prosseguiu, noite dentro, até Lisboa. Depois, fazer o transbordo, a pé, para a estação fluvial Sul e Sueste, no Terreiro do Paço, hoje maravilhosamente recuperada e que preserva o seu historial, que, por barco dos "CP, nos

levava até à estacão ferro-fluvial do Barreiro; ali, matei o largo tempo de espera, encostado ao paredão do cais fluvial, mesmo ao lado da estação de caminho de ferro, hoje feitas ruínas, como muitas são as ruínas do anterior tecido ferroviário do país (estações e apeadeiros em ruínas e abandonados,

etc) e a observar a imensidão da água que ondulava e, fechando os olhos, me transportava numa onda. Mas, afinal, esperava-me uma nova viagem, isto é tomar o combóio da Linha do Sul até à estacão/apeadeiro de Canal Caveira, no concelho de Grândola, povoação tornada famosa quando os portugueses *"descobriram"* o Algarve e por ali faziam uma paragem para se deliciarem com as iguarias alentejanas, num percurso de cerca de cem quilómetros. Era já noite e ainda faltava fazer a *"viagem"* de cerca de dois quilómetros, em cima do atrelado dum tractor agrícola até ao monte da herdade alentejana onde e o meu *"rancho de ratinhos e um capataz"* iria ficar "*alojado no quartel"* (era assim que o chamavam), constituído por uma construção térrea composta por duas camaratas - tal como na tropa - e no centro uma cozinha rural com lareira e uma mesa ao centro, em pedra. Na camarata e com estrados de madeira corridos e com colchões de palha de arroz, dormíamos nós, os quatorze "*ratinhos do rancho"* expulsos dos casebres maternos algures a mais de quatro centenas de quilómetros, em plena Beira Alta. Uma viagem que demorou mais de 24 horas!

Todos os dias, porque a herdade era atravessada pela linha do combóio, tal como pela estrada nacional, eu via passar vários combóios, de passageiros, de mercadorias e outros, muito compridos nos seus *"wagons"*de minérios extraídos nas minas de Neves Corvo com destino à cirurgia nacional, no Seixal, pela linha do Sul admirando a pujança e a velocidade daquelas máquinas poderosas. Durante muitos anos e ainda hoje sou fã dos combóios, mesmo que sejam relíquias ou os modernos. Mais viagens fiz, posteriormente, nalgumas com pequenas "*estórias"* para contar, mas, psicossociologicamente, a parte mais importante desta *"primeira grande viagem da minha vida"*, aqui descrita na primeira pessoa, é a razão de ser dela própria. Fica para um próximo artigo, até porque relatarei a permanência do "*rancho dos quatorze ratinhos"* naquele inóspito cenário alentejano e a viagem de regresso até Viseu, como se fosse um filme visto do final para o início, mas já em pleno mês de junho do ano seguinte. Até lá**.**

ASSIM MORRE UM CASTANHEIRO

Madeiro no adro da Igreja

Ouriços do Castanheiro

Às Sortes* vão os rapazes
Tão sadios e audazes
Que às moças fazem inveja.
Foi dum velho castanheiro
Que fizeram o Madeiro
Lá no adro da Igreja.

Já dera muita castanha
No tempo da sua apanha
Retirada do ouriço;
Foi rainha num magusto
Em que o jeito e algum custo
Fez brotar certo derriço.

Assim morre um castanheiro
Que transformado em braseiro
Aqueceu o Deus – Menino…
Ao calor dessa fogueira,
Logo um parzinho se abeira
E selou o seu destino.

*Os jovens que nesse ano se apresentam à Inspecção Militar

João Afonso
~ 2020 ~

Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

Se és jovem, estudante, associado da Caixa Portuguesa, menos de 35 anos, este programa de bolsa é para ti!

DATA LIMITE: 28 DE FEVEREIRO DE 2022

Para informações relativas aos regulamentos e detalhes do concurso,
por favor contatar: adriana.simoes@desjardins.com
ou jennifer.vieira@desjardins.com

Bolsas de Programa

Ação-Estudos

9º ano Escola Portuguesa
5 bolsas de 500$

Estudos secundários
5 bolsas de 500$

Estudos colegiais
5 bolsas de 700$

Formação profissional
5 bolsas de 700$

Bolsas de Excelência

Ensino Universitário

1º ciclo - Licenciatura
3 bolsas de 1800$

2º ciclo - Mestrado
1 bolsa de 2300$

3º ciclo - Doutoramento
1 bolsa de 2800$

Orgulha-te de pertenceres à nossa Caixa!

4244, boul. St-Laurent
Montréal, QC H2W 1Z3
T 514-842-8077

Desjardins
Caixa Portuguesa

Nota: a convite do Exmo Senhor Sérgio Marques, digníssimo Presidente do CA da Caixa Portuguesa, colaboramos nesta oportuna campanha,— por nós lançada em 1988, — por continuarmos a considerá-la muito importante para a juventude de origem Portuguesa. **Façam-se membros da Caixa e COLABOREM**. **Amamos a Portugalidade!**

COMANDOS

A SORTE PROTEGE OS AUDAZES

Ajudemos os COMANDOS do curso 127 que foram constituídos arguidos

NIB - 0033-0000-45536014942-05

As enormes despesas tornam muito apreciada a vossa esperada colaboração

A Associação de COMANDOS agradece-vos : MAMA SUMÉ !!!

O Presidente da AC

José Lobo de Amaral

La France à guillotiné le Roi

Madame de Staël et l'exécution de Louis XVI

« Cet homme qui manqua de la force nécessaire pour préserver son pouvoir, et fit douter de son courage tant qu'il en eut besoin pour repousser ses ennemis ; cet homme dont l'esprit naturellement timide ne sut ni croire à ses propres idées, ni même adopter celles d'un autre, s'est montré tout à fait capable de la plus étonnante des résolutions, celle de souffrir et de mourir. »

— Considérations sur les principaux événements de la Révolution française

Acte de décès de Louis XVI dans l'état civil de Paris:

Acte de décès de Louis XVI dans l'état civil de Paris

L'acte de décès de Louis XVI est rédigé le 18 mars 1793. L'original de l'acte a disparu lors de la destruction des archives de Paris en 1871 mais il fut recopié par des archivistes :

« Du lundi 18 mars 1793, l›an Second de la République française.

Acte de décès de Louis CAPET, du 21 janvier dernier, dix heures vingt-deux minutes du matin ; profession, dernier Roy des Français, âgé de trente-neuf ans, natif de Versailles, paroisse Notre-Dame, domicilié à Paris, tour du Temple ; marié à Marie-Antoinette d'Autriche, ledit Louis Capet exécuté sur la Place de la Révolution en vertu des décrets de la Convention nationale des quinze, seize et dix-neuf dudit mois de janvier, en présence 1° de Jean-Antoine Lefèvre, suppléant du procureur général sindic du département de Paris, et d'Antoine Momoro, tous deux membres du directoire dudit département et commissaires en cette partie du conseil général du même département ; 2° de François-Pierre Salais et de François-Germain Isabeau, commissaires nommés par le conseil exécutif provisoire, à l'effet d'assister à ladite exécution et d'en dresser procès-verbal, ce qu'ils ont fait ; et 3° de Jacques Claude Bernard et de Jacques Roux, tous deux commissaires de la municipalité de Paris, nommés par elle pour assister à cette exécution ; vu le procès-verbal de ladite exécution dudit jour 21 janvier dernier, signé Grouville, secrétaire du conseil exécutif provisoire, envoyé aux officiers publics de la municipalité de Paris cejourd'huy, sur la demande qu'ils en avaient précédemment faite au ministère de la justice, ledit procès-verbal

Pierre-Jacques Legrand, officier public (signé) Le Grand

Commémorations de l'exécution

Article connexe : Messes en mémoire de Louis XVI.

L'endroit où fut inhumé Louis XVI et plus tard Marie-Antoinette d'Autriche (16 octobre 1793) au cimetière de la Madeleine est aujourd'hui le square Louis-XVI. L'autel de la crypte y marque l'endroit exact où Louis XVI fut inhumé.

Des messes catholiques sont organisées chaque année, le 21 janvier, en commémoration de la mort du roi Louis XVI21.

Chaque année aussi ont lieu des *«Clubs de la Tête de Veau»,* banquets républicains commémorant l'exécution de Louis XVI sous les espèces de la dégustation d'une tête de veau. Dès après 1794, des banquets républicains célèbrent la fin de la monarchie de droit divin en mettant en scène « le roi cochon », faisant référence à la manière dont Louis XVI apparaissait fréquemment dans la caricature révolutionnaire. Après 1847, et en s'inspirant d'une coutume anglaise, la banquet à la tête de veau détrône le plat de cochon. Un tel banquet, interdit, est l'élément déclencheur de la révolution de 1848 en France22.

Commémoration du 21 janvier 1893

Ce jour-là, le requiem de Gabriel Fauré, qui avait été complété (version dite d'église 1893), fut exécuté à la messe de commémoration tenue à l'église de la Madeleine à Paris, sous la direction du compositeur23.

Commémoration du 21 janvier 1993

Pour commémorer le bicentenaire de l'exécution de Louis XVI, un rassemblement de plusieurs milliers de personnes a lieu place de la Concorde, en présence de plusieurs personnalités dont l'acteur Jean-Pierre Darras qui a lu au micro le testament du roi. Des heurts éclatent en marge de cette cérémonie au niveau de la place du Panthéon, où de jeunes hommes sont montés sur le toit de l'édifice.

Dans son édition du lendemain, le quotidien L'Humanité commente la journée :

« Deux cents ans après la décapitation de Louis XVI, la fleur de lys tenait le haut du pavé. Des milliers de personnes (Scouts de France en short de cuir, jeunes filles en socquettes blanches, légitimistes à moustaches, orléanistes glabres, nostalgiques de l›Ancien Régime, gens de droite de tout poil) s›étaient rassemblés avec sono tonitruante, discours affligés et Requiem de Cherubini [initialement composé pour l›anniversaire du 21 janvier 1836]. Parmi elles […], Thierry Ardisson, paraît-il en larmes, Bruno Mégret du Front national, Gonzague Saint-Bris, Jean Raspail, Ambroise Roux, Jean-Pierre Darras qui a lu le testament de Louis XVI… […] »

Le Figaro mentionne quant à lui la présence de Walter Curley, ambassadeur des États-Unis en France, venu déposer une gerbe de fleurs portant l'inscription *« L'ambassade des États-Unis d'Amérique »*

Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

Linhares da Beira

A bela e desconhecida aldeia histórica da Serra da Estrela

Aldeia medieval do século XII, Linhares da Beira possui uma diversidade arquitetónica e artística ímpar, fruto do legado de várias épocas. Em 1169, recebeu o seu primeiro foral, atribuído por D. Afonso Henriques. Mas só mais tarde, no reinado de D. Dinis, foi erigido o seu imponente Castelo, ex-líbris da aldeia e principal cartão de visita nos nossos dias. Deambular pelas ruas desta aldeia museu é fazer uma incursão ao passado, à sua história, e sentir a brisa do Vale do Mondego a acariciar-nos o rosto.uma diversidade arquitetónica e artística ímpar, fruto de visita nos nossos dias. Deambular pelas ruas desta aldeia museu é fazer uma incursão ao passado, à sua história, e sentir a brisa do Vale do Mondego a acariciar-nos o rosto. Aldeia medieval do século XII, Linhares da Beira possui uma diversidade arquitetónica e artística ímpar, fruto do legado de várias épocas.

Em 1169, recebeu o seu primeiro foral, atribuído por D. Afonso Henriques. Mas só mais tarde, no reinado de D. Dinis, foi erigido o seu imponente Castelo, ex-líbris da aldeia e principal cartão de visita nos nossos dias. Deambular pelas ruas desta au é fazer uma incursão ao passado, à sua história, e sentir a brisa do Vale do Mondego a acariciar-nos os rosto.

Está localizada na vertente ocidental da Serra da Estrela e terá tido origem num castro lusitano.

Falamos da bela Linhares da Beira, cantinho bem português que é uma delícia de visitar.

Tem o estatuto de Aldeia Histórica de Portugal (juntamente com outras 11), o que atesta a sua importância histórica e o grau de conservação das suas ruas, casas e castelo.

Sabe-se que os Montes Hermínios (nome lusitano para a Serra da Estrela) eram um dos locais habitados por esta tribo ibérica, graças à abundância de águas, à proteção das montanhas e às suas pastagens. Já o nome de Linhares terá vindo do linho, que foi em tempos uma das culturas mais importantes da região.

Linhares da Beira foi invadida por visigodos e muçulmanos, até passar a ser definitivamente portuguesa no tempo de D. Afonso Henriques, que lhe deu o primeiro foral em 1169. Mas a paz não seria definitiva, uma vez que, em 1189, tropas de Leão e Castela invadiram a região, pilharam e deitaram fogo às aldeias circundantes, como preparação para tomar o castelo de Celorico.

Linhares acorreu em defesa de Celorico, e o exército inimigo acabou por fugir. A tradição diz que tudo se passou numa noite de lua nova, e é por isso que as armas de Linhares apresentam um crescente e cinco estrelas. Lenda ou verdade, o certo é que Linhares da Beira sempre foi uma povoação importante na defesa desta região de Portugal.

O conjunto urbano da povoação é muito harmonioso e cheio de encanto, com casas simples construídas em granito a conviver com solares com sinais de nobreza antiga. Um olhar mais atento permite-lhe descobrir muitas janelas do século XVI. Na Igreja Matriz, com raiz românica, mas reconstruída no século XVII, pode encontrar 3 valiosas tábuas, atribuídas ao grande mestre português Grão Vasco.

De destacar também uma rústica tribuna, elevada sobre um banco em redor de uma mesa de pedra, que é um exemplar único de um fórum medieval, local onde se anunciava à população as decisões comunitárias. É neste fórum que se pode ver as armas da antiga vila. Ao lado, encontra o pelourinho em granito, rematado pela esfera armilar.

Todo o conjunto é encimado pelo vigoroso castelo, que acompanha a geologia do terreno sobre o enorme monte rochoso, e é a partir daí que se tem uma vista panorâmica espetacular. Junto aos ângulos da cerca, encontram-se duas grandes torres ameadas, uma a Ocidente e outra a Oriente.

No terreiro, pode ainda ver restos de antigas cisternas.

O castelo de Linhares da Beira está datado entre os séculos XII e XIII. Do alto, é possível ver toda a aldeia histórica que lhe deu o nome em toda a sua dimensão, bem como uma vista desimpedida sobre o vale do Mondego. O castelo está situado a 820 m de altitude, e teve uma importante função militar.

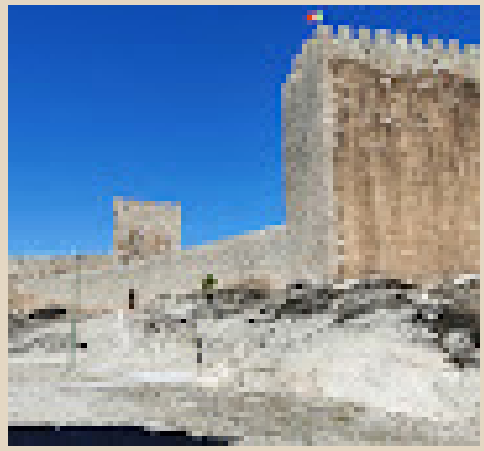
Foi construído como um baluarte avançado do sistema defensivo da Beira Alta durante os primeiros tempos da nossa nacionalidade. Desta linha de sistemas também faziam parte os castelos de Marialva, Moreira de Rei, Trancoso e Celorico da Beira.

A povoação de Linhares cresceu à sombra das muralhas deste castelo, sendo percorrida por ruas sinuosas e casas de granito, com gárgulas, portais e janelas manuelinas, e povoada com a antiga Judiaria medieval e os solares barrocos, que contam a sua história nas pedras dos edifícios.

A presença da judiaria é uma das razões principais que levou **Linhares da Beira** a ser considerada Aldeia Histórica de Portugal.

Se vier visitar **Linhares da Beira**, não deixe de ver o castelo, a Igreja Matriz e a Igreja da Misericórdia, as casas manuelinas e a antiga albergaria, o pelourinho e os antigos Paços do Concelho, o Solar dos Corte Real e o Solar Brandão e Melo. Não deixe também de provar as iguarias locais, como os enchidos e queijos.

E se quiser optar por algo diferente e mais radical, saiba que Linhares da Beira é famosa internacionalmente pelo seu festival de parapente. A aldeia possui condições ímpares, no cimo de uma montanha, que são as ideais para praticar este desporto radical. Existem diversas empresas que fazem baptismo de voo e que dão aulas de parapente em **Linhares**.



Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

Les Palestiniens Apprennent le Terrorisme à l'Ecole

par Bassam Tawil

Traduction du texte original: The Palestinian School of Terrorism

- A force de cracher au jour le jour leur haine d'Israël et des Juifs, les dirigeants palestiniens et les « *universitaires* » ont lavé le cerveau des jeunes terroristes.

- Ils ont aussi certifié aux jeunes que quiconque attaquait des Juifs et mourait en *« martyr »* gagnait une place au paradis.

- IMPACT-se a découvert que les dirigeants palestiniens n'ont pas tenu la promesse qu'ils avaient faite aux donateurs occidentaux de réécrire leurs manuels scolaire. Leur étude a montré que les manuels les plus récents étaient encore plus radicaux que les précédents.

- « Dans toutes les classes et dans toutes les matières [les manuels palestiniens] font référence à la violence, au martyre et au djihad. Le nationalisme extrême et les idéologies islamistes fleurissent dans tout le programme, jusque dans les manuels de sciences et de mathématiques. Toute possibilité de paix avec Israël est exclue a priori ». — Institute for Monitoring Peace and Cultural Tolerance in School Education (IMPACT-se), mai 2021.
-
- Les manuels diabolisent Israël, et les Juifs sont calomniés et placés en rivalité avec le prophète de l'Islam. *« En résumé, il n'y a aucune invitation à la coexistence tout au long du programme »,* indique l'étude.

*Un enseignant palestinien et trois collégiens ont été directement impliqués dans la récente vague d'attentats terroristes à Jérusalem et en Cisjordanie. A force de cracher quotidiennement leur haine d'Israël et des Juifs, les dirigeants palestiniens et les « universitaires » ont lavé le cerveau des jeunes terroristes. (Source image : Palestinian Media Watch)*Un enseignant palestinien et trois collégiens ont été à l'origine de la récente vague d'attentats à Jérusalem et en Cisjordanie. N'ont été surpris que ceux qui ignorent que les écoles et les manuels palestiniens, mais aussi les médias, les mosquées et les campus propagent au quotidien la haine d'Israël et l'incitation au meurtre des Juifs.

Le 21 novembre, Fadi Abu Shkhaydam, 42 ans, enseignant au lycée du camp de réfugiés de Shuafat à Jérusalem-Est, a abattu Eli Kay, 26 ans, originaire d'Afrique du Sud. La fusillade a eu lieu dans la vieille ville de Jérusalem. Quatre autres personnes ont été blessées avant que le terroriste soit abattu par la police.

Abu Shkhaydam enseignait les matières islamiques à l'école de garçons Al-Rashidiyeh de Jérusalem-Est. L'école était sous tutelle de la municipalité (israélienne) de Jérusalem et le salaire que le terroriste touchait en monnaie israélienne ne le dérangeait absolument pas.

Abu Shkhaydam était en fait un membre du Hamas et crachait sa haine d'Israël dans ses fonctions de « prédicateur » et « érudit » auprès de diverses mosquées de Jérusalem.

L'année dernière, Abu Shkhaydam a déclaré dans un sermon du vendredi que « les maîtres juifs et chrétiens de l'hérésie » luttent ensemble contre la loi islamique de la charia afin de répandre l'injustice. Il a également déclaré que les juifs, les chrétiens et tous les opposants à la charia sont des suppôts du diable financés par « l'argent sale » des « bédouins » des Émirats arabes unis.

Dans le testament qu'il a rédigé avant son décès, Abou Shkhaydam a révélé qu'il avait planifié sont attentat de longue date : « Je vous écris ces mots avec une grande joie ; ils mettent fin à un travail acharné de plusieurs années consacré à la rencontre avec Dieu. » Le terroriste a dit qu'il avait choisi cette voie pour plaire à Dieu et atteindre le ciel. Il a également affirmé que l'attaque terroriste visait à défendre la mosquée al-Aqsa.

Quand des terroristes comme Abu Shkhaydam parlent de la nécessité de « défendre » la mosquée de Jérusalem, ils font référence aux visites guidées pacifiques et routinières que les Juifs effectuent au Mont du Temple, le site le plus sacré du judaïsme.

Contrairement aux affirmations de l'Autorité palestinienne, du Hamas et d'autres groupes palestiniens, les juifs qui visitent le Mont du Temple ne mettent pas les pieds dans la mosquée al-Aqsa. Ils marchent à la périphérie du site, le long de l'enceinte et toujours sous protection policière en raison des menaces proférées par les Palestiniens, qui continuent de nier tout lien historique entre les Juifs et Jérusalem.

Les dirigeants palestiniens et les djihadistes du type Abou Shkhaydam ont toujours décrit les visites juives comme des « incursions » violentes dans la mosquée al-Aqsa ; propos totalement mensongers et diffamatoires.

Abu Shkhaydam et les dirigeants palestiniens n'ont eu de cesse de diffamer les Juifs en tous lieux et sur toute les plateformes. Chaque fois qu'une mosquée offrait une tribune à Abu Shkhaydam, ce dernier incitait à la violence contre les non-musulmans, en particulier les juifs et les chrétiens. En tant qu'enseignant et prédicateur, Abu Shkhaydam a transmis son poison à de nombreux Palestiniens, et notamment aux enfants qui participaient à ses cours et à ceux qui assistaient à ses prêches du vendredi.

Comment s'étonner ensuite que des adolescents palestiniens saisissent des couteaux ou des fusils et sortent dans la rue pour assassiner des Juifs à Jérusalem et en Cisjordanie.

A cracher quotidiennement leur haine d'Israël et des Juifs, les dirigeants palestiniens et les « universitaires » ont fini par laver le cerveau des jeunes terroristes.

Tous les jours, ces adolescents meurtriers s'entendent dire que les Juifs « souillent » les lieux saints islamiques et qu'il est de leur devoir de défendre la mosquée al-Aqsa.

Les mêmes assurent aux futurs meurtriers qu'ils acquièrent un statut de *« martyr »* et deviennent titulaires d'une place au Paradis s'ils meurent en assassinant des Juifs.

Ainsi, début décembre, une Palestinienne de 14 ans a blessé à coups de couteau une femme juive qui déposait ses enfants à l'école. L'incident a eu lieu dans le quartier de Sheikh Jarrah à Jérusalem-Est. La jeune fille a fui vers son école, située à quelques centaines de mètres seulement. Elle a été arrêtée par la police israélienne peu de temps après.

Les manuels trouvés dans le sac de la collégienne étaient truffés d'incitations à la violence contre les Forces de défense israéliennes et les colons juifs et de glorifications des « *martyrs* ». Lesdits manuels sont conçus et édités en fonction du programme défini par le ministère de l'Éducation de l'Autorité palestinienne.

Ainsi, le livre ou la jeune fille apprenait la langue arabe, inclut à la page 61 un exercice de lecture qui décrit l'attaque à coups de cocktails Molotov d'un

bus israélien desservant l'implantation de Psagot près de Ramallah.
Cet exercice ou il est question de brûler vifs des passagers juifs est fièrement intitulé « *Soirée barbecue* ».

Le livre de sociologie trouvé dans le cartable de l'adolescente postule que « *la résistance armée est un droit naturel et légitime contre l'occupation* ». Certaines pages sont ornées de photos du massacre perpétré par les Arabes contre les Juifs à Hébron en 1929.

Selon l'Institute for Monitoring Peace and Cultural Tolerance in School Education (Institut de veille sur la paix et la tolérance culturelle dans l'enseignement secondaire, IMPACT-se), les manuels scolaires palestiniens *« demeurent ouvertement antisémites et encouragent à la violence, au djihad (guerre sainte) et au martyre tandis que la paix n'est jamais enseignée comme une alternative préférable ou même possible. »*

IMPACT-se a révélé que les dirigeants palestiniens n'ont pas tenu la promesse qu'ils avaient faite aux donateurs occidentaux de réécrire leurs manuels. Selon l'étude, les manuels récents sont encore plus radicaux que les précédents.

« Quels que soient les niveaux ou les matières, la violence, le martyre et le jihad sont omniprésents », a conclu l›étude.

« Un nationalisme extrémiste et diverses idéologies islamistes sont intégrés à tout enseignement y compris les disciplines mathématiques et scientifiques. Toute possibilité de paix avec Israël est rejetée. Les manuels gomment toute présence juive historique dans les territoires actuels d›Israël et de l›Autorité palestinienne. Et toute référence à l›histoire et à l'héritage juifs sont systématiquement falsifiés ; les lieux saints juifs sont représentés comme des espaces musulmans usurpés par les sionistes. »

Un manuel d'histoire palestinienne de 4ème suggère que les Juifs contrôlent le monde. Dans d'autres manuels, les Juifs sont campés en pécheurs menteurs et fraudeurs, « ennemis de l'Islam toujours et partout ». Un chapitre sur l'éducation islamique enseigne clairement que les Juifs sont corrompus et voués à la destruction car leur *« corruption de la terre a été et sera la cause de leur annihilation ».*

Selon Impact, les nouveaux programmes diffament les Juifs et Israël plus intensément encore que les programmes précédents et l'antisémitisme y est aussi plus largement répandu. L'existence d'Israël est décrite comme une *« Occupation Sioniste ». Les manuels diabolisent Israël, les Juifs sont calomniés et présentés comme un rival du prophète de l'Islam, « en d'autres termes, il n'y a aucun encouragement à la coexistence tout au long du programme ».*

Comment nier que cette rhétorique encourage les écoliers à commettre des attentats terroristes contre les Juifs ? Fermer les yeux sur cette incitation sanglante et cet antisémitisme n'a pas d'autre conséquence que d'encourager le djihad contre les Juifs.

Alors que ce poison est injecté au jour le jour dans le cœur et l'esprit des Palestiniens, l'administration Biden poursuit le financement de l'Autorité palestinienne et entreprend de relancer le processus de paix entre Israël et les Palestiniens.

L'administration Biden radote sur la paix et la *«solution à deux États»* alors que les dirigeants palestiniens forment la jeune génération à planter toujours plus de couteaux dans le corps des Juifs.

Bassam Tawil est un Arabe musulman basé au Moyen-Orient.

UMA HISTÓRIA MILENAR A PRESERVAR

Introduzido em Portugal pelos romanos na Idade Média, o Queijo Serra da Estrela DOP é o mais antigo de todos os queijos portugueses, tendo a primeira queijaria sido criada em 1287 pelo Rei D. Dinis.

De então para cá o Queijo passou a ser reconhecido internacionalmente, e para a Queijaria Vale da Estrela, manter o método ancestral e assegurar a certificação do Queijo enquanto produto DOP e uma qualidade de excelência é ponto de honra.

Fomos mais longe e levámos o Queijo Velho DOP em 2019 para disputar entre os melhores queijos do Mundo, obtendo pela primeira vez em Portugal uma distinção no *"Mondial do Fromage"* de um queijo Velho da Serra da Estrela.

Em 2021 recebemos em Maio a Medalha de Ouro como o melhor requeijão da Serra da Estrela, e passámos a ser a primeira queijaria em Portugal certificada pela BRC, a mais exigente certificação alimentar a nível internacional.

Tudo isto para preservar a autenticidade de um produto único e que merece todos os nossos esforços para continuar a perdurar na sua produção artesanal e milenar que o tornou conhecido a nível internacional.

Assumimos essa missão que se torna possível devido à qualidade do leite dos nossos produtores, à sabedoria das nossas queijeiras e à preferência que os nossos clientes nos continuam a dedicar.

Portal de voto antecipado permite inscrição fraudulenta,

alerta Comissão Nacional de Protecção de Dados - CNPD

Lusa

"No processo de consulta por terceiros é possível anular uma inscrição genuína no voto antecipado", indica a CNPD sobre as deficiências do processo de voto em mobilidade.

AComissão Nacional de Protecção de Dados (CNPD) reconheceu esta quinta-feira que existem "*deficiências"* no Portal de voto antecipado, as quais *"permitem a inscrição fraudulenta por terceiros"* para a votação antecipada por mobilidade.

Em esclarecimento solicitado pela agência Lusa, a CNPD indicou que estas deficiências *"incluem o voto em mobilidade, o voto em confinamento e o voto para residentes em lares".*

A informação da comissão surge na sequência da notícia do Expresso, segundo a qual *"a plataforma de agendamento do voto antecipado para as legislativas através da Internet permite o registo em nome de pessoas que constam nos cadernos eleitorais, desde que se saiba o nome completo e a data de nascimento".*

"Uma vez dentro da plataforma, é possível assumir o controlo do agendamento do voto antecipado da potencial vítima, uma vez que o intruso passa a ter a capacidade de inserir um endereço de 'e-mail' e um número de telefone, que servem de meios de contacto para gerir todo o processo e receber notificações relacionadas com o processo", escreve o Expresso.

Segundo a CNPD, ***"as falhas detectadas permitem a inscrição fraudulenta por terceiros para voto antecipado por mobilidade, bastando para tal conhecer o nome e data de nascimento ou o número de identificação civil e data de nascimento de uma pessoa"***. A CNPD sublinha que, *"de qualquer modo, isso não afecta o exercício do direito de voto".* ..**MAS FALSEIA OS RESULTADOS.** (ABC)

Mas refere que esta situação permite "*a consulta por terceiros a inscrições feitas diretamente pelos titulares dos dados, embora os dados de contacto existentes fornecidos pelos titulares se encontrem mascarados, não sendo, por isso, dados a conhecer".*

Inscritos para voto antecipado "*aquém das estimativas"*

"Também no processo de consulta por terceiros é possível anular uma inscrição genuína no voto antecipado, embora nessa eventualidade o titular dos dados receba uma notificação de alerta, o que o obrigará a nova inscrição", prossegue o esclarecimento da comissão.

A CNPD considera que, *"apesar das circunstâncias especiais de pandemia em que vivemos e da necessidade de adaptar procedimentos e criar mecanismos alternativos que permitam aos eleitores exercerem o seu direito fundamental de voto",* a concepção de soluções neste domínio *"deve sempre pautar-se pelo imprescindível dever de cuidado, exigindo-se que sejam adoptadas as medidas necessárias e legalmente previstas para que o direito à protecção de dados seja devidamente salvaguardado".*

A Lusa também solicitou um esclarecimento à Comissão Nacional de Eleições (CNE), a qual informou que se realizou esta quinta uma reunião plenária, durante a qual foi deliberado que *"não há verdadeiramente acesso a outros dados pessoais por esta via, uma vez que a aplicação apenas retorna a freguesia (ou posto) de recenseamento, em princípio, coincidente com a de residência".*

"A inscrição nesta plataforma nunca impede um cidadão que não venha a votar antecipadamente no próximo domingo de exercer o seu direito no dia da eleição", adianta a nota enviada à Lusa.

"A utilização do nome completo ou, em alternativa, do número de identificação civil, juntamente com a data de nascimento, é a forma de acesso à referida plataforma, como, aliás, há anos o tem sido para a consulta ao recenseamento eleitoral", adianta a CNE.

E esclareceu que a CNE nunca recebeu *"qualquer queixa referente ao uso indevido daqueles dados que, sendo possível, não tem, portanto, constituído um problema real".*

"Outras possíveis dificuldades com que um cidadão 'pirateado' possa ver-se confrontado serão facilmente solucionáveis através de um contacto direto com a Secretaria-Geral da Administração Interna, de preferência por correio electrónico", adianta a CNE.

J Y M ARCHITECTURE
Services & Plans D'Architecture
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.
Technologue en Architecture
Cel. 514.972-9985 • @:info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com

ORDRE DES TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS DU QUÉBEC

MUSEU DO COMBATENTE - Final da Cerimónia do 19 de Dezembro de 2022

EVOCAÇÃO DOS 60 ANOS DA INVASÃO E TOMADA DOS TERRITÓRIOS DO EX-ESTADO PORTUGUÊS DA ÍNDIA (GOA, DAMÃO E DIU) EM QUE FORAM FEITOS PRISIONEIROS OS PRESENTES NESTA CERIMÓNIA (NÃO A TOTALIDADE POR DIVERSOS MOTIVOS, DE FALECIMENTO A DOENÇA), MAS ONDE , COMO HÁ LONGOS ANOS, FORAM TAMBÉM EVOCADOS E LEMBRADOS OS 25 MILITARES CAÍDOS NA ALTURA EM DEFESA DA PÁTRIA.

No número passado do ABC foi publicado artigo e fotografias da cerimónia acima mencionada, e sendo que este ano o Sr. Fausto Diabinho, Presidende da Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra apresentou na sua intervenção, que se transcreve, a carta que lhe chegou às mãos do seu grande amigo já falecito Carita, partilhamos um pouco do que os nossos mlitares viveram quando da Invasão de Goa, Damão e Diu.

"A Invasão de Goa descrita pelo meu grande amigo e já falecido Carita, cuja carta me veio parar às mãos 45 anos depois dos acontecimentos, por intermédio do prisioneiro de guerra enfermeiro Armando Alexandre do Hospital Militar de Goa.

A Invasão de Goa

A aviação da União Indiana, que nos últimos dias tinha entretido a reconhecer Goa, provocando-nos com voos descuidados e a baixa altura, começou a bombardear o Aeroporto cerca das 06h30 do dia 18 de dezembro de 1961, e logo a seguir, os postos emissores/ recetores de Bambolim.

Aproximadamente à mesma hora a esquadra Indiana, que havia mais de uma semana, á vista desarmada, rondava a entrada do porto de Mormugão, por vezes até dando a impressão de se encontrar nas nossas águas territoriais, abriu fogo contra o nosso navio «Afonso de Albuquerque». A essa hora as tropas já se encontravam bastantes quilómetros dentro do nosso território, pois tinham começado o avanço com tropas auto transportadas e apeadas, pelas três cunhas de penetração do nosso território: eixos Doromarogo/Pernem, Bicholim/Mapuçá e Canacona/Margão, convergindo para Pangim e Vasco da Gama, cerca das 02h00 da manhã.

A ACTUAÇÃO DO NOSSO QUARTEL GENERAL

O QG começou a cumprir o plano de defesa que lhe estava atribuído e que salvo erro era o seguinte: O Pelotão avançado seguia para as posições de Agaçaim e seguidamente para as de Dabolim, se se tornasse necessário, assegurando em ambos os locais o funcionamento efetivo do Quartel General. O Pelotão retardado ficaria em Pangim, com a missão de recuar para Agaçaim quando nas condições o exigissem, mas só depois de destruir tudo o que pudesse e quando o inimigo lhes tornasse ali a defesa impossível. O Pelotão recuado era muito mais reduzido do que o Pelotão avançado.

O Pelotão avançado marchou pata Agaçaim pelas 07h00 da manhã. Ouvia-se o troar da artilharia dos navios, para os lados da barra. Os jatos sobrevoavam a coluna, a baixa altura. Á chegada a Agaçaim a desorganização ia aumentando na medida em que os boatos corriam. Mal se sabia o que estava a acontecer. As comunicações estavam a falhar. Sabia-se que no bombardeamento de Bambolim tinha morrido o Alferes Abrantes, comandante da Diligencia, pois alguns componentes da mesma tinham sido recolhidos na estrada pelo Quartel General.

Em Agaçaim as posições estavam condenadas, uma vez que o Serviço de Intendência tinha ali uns depósitos de gasolina e a Companhia de Manutenção de Material depósitos de armas e munições, pelo que foi necessário avançar mais para perto do rio Zuari. Nesta altura, os capitães César Monteiro e Meneses, secundados pelo major Peralta, começaram a insinuar para que nos rendêssemos, pois o que se ia dar era um assassínio em massa, por não termos meios de resistência contra as forças da União Indiana. O capitão Silva Ramos, chefe da 2ª. Repartição do QG retrucou aos oficiais que falavam para que se calassem e o Comandante Militar viu-se forçado a intervir e ripostou que o momento não era para discussões, mas sim para qual cumprir o seu dever com honra e brio.

A situação continuou indefinida durante cerca de 4 horas. Os aviões obrigam-nos a enfiar nas valas a cada momento. Para os lados de Margão continuavam a soar explosões. Era a engenharia a destruir as pontes, segundo se dizia. Cerca das 06h00 da tarde chegou uma notícia que mais veio desorganizar os nervos já tensos. Constava que a Polícia tinha deposto as armas logo pela manhã e que as tropas estacionadas em Pangim se tinham rendido sem um tiro.

Nesta altura apareceu o Comodoro Comandante Naval com o seu comando. Tinham vindo a pé desde D.Paula, a corta mato, sempre junto ao rio Zuari. Não sabiam o que tinha acontecido à tripulação do navio, o qual se encontrava encalhado. Os boatos aumentavam de intensidade. Diziam que tinham bombardeado as instalações do Altinho, o Palácio do Cabo (residência do Governador), os quartéis de Alparqueiros e Bogmaló, os depósitos de gasolina em Vasco da Gama, etc.- Posteriormente verificou-se que tudo era falso.

Já com as comunicações inexistentes, o Chefe do Estado Maior enviou o 1º Sargento Ferro a Vasco da Gama com uma mensagem para o General Comandante Chefe. Parte do pessoal aproveitou este momento para manifestar o desejo de se ir render a Pangim. O Chefe do E.M. reuniu-se com os oficiais e em seguida com os sargentos, relatando-nos o que estava a acontecer e incitando-nos a cumprir o nosso dever. Cerca das 22h00 regressou o 1º sargento Ferro, de Vasco da Gama com a ordem de se recuar para Dabolim. A chegada ali verificou-se que se encontravam no centro das posições, dois camiões pesados pertencentes à Engenharia, carregados de explosivos. Os chefes das Repartições organizaram o pessoal que dependia deles e escolheram as posições que ofereciam mais garantias.

Cerca das 02h30 do dia 19 surgiu a ordem para retirar para Vasco da Gama. Ao chegarmos ali, o Comandante Chefe ordenou o regresso ás anteriores posições. Depois de novamente instalados em Dabolim, correu o boato de que a Engenharia tinha minado o local e lá fomos obrigados a andar novamente em mudanças.

De manhã não foi distribuído o café, pois os vaguemestres que acompanhavam a coluna tinham desaparecido durante a noite, levando as viaturas dos géneros.

Foi então que começamos a ver quem faltava. Faltavam os majores Peralta,

Pimentel e Morais; capitães César Monteiro, Meneses, Borda d'Água, Rúben de Andrade, Couto Leite e Ângelo Augusto; Tenente Dias e Alferes Sobral; lºs Sargentos Ferro, Cardoso e Abrantes; 2ºs sargentos Diabinho, Reis, Freitas, Ascensão, Massa e Félix e furriéis Afonso e Freitas, juntamente com a maioria das praças. Teriam eles recebido alguma ordem para ir pata outro local? Se assim foi, o signatário desconhece-a. Sabe unicamente que estes e outros de que já não se recorda estavam em Agaçaim e pertenciam ao Pelotão avançado do Quartel General e não foram detidos em Vasco da Gama.

Cerca do meio dia chegou ás posições o Sub Chefe do E.M. com a ordem de se marchar para os Estaleiros Navais de Vasco da Gama pois o Comandante Chefe, General Vassalo e Silva, tinha determinado a rendição, porque achava por bem, poupar a população de Vasco da Gama – cidade que os indianos ameaçavam destruir a qualquer momento.

Tudo tinha acabado quase antes de ter começado, GOA TINHA CAÍDO.

Na parte respeitante aos militares que não foram aprisionados em Vasco da Gama, digo que por volta da meia noite houve uma reunião com o chefe do estado maior entre oficiais e sargentos. O qual nos comunicou que nos constituíssemos prisioneiros em Vasco da Gama ou no Altinho. Pois estava iminente a rendição das tropas. Mais tarde por volta das 02horas parte dos sargentos foram procurar os seus respectivos chefes, que por mais voltas que dessem no terreno não os encontraram possivelmente por falta de comunicações. Então, houve uma reunião de sargentos e praças que resolveram atravessar o rio Zuari num ferry bote que se encontrava na margem do lado de Agaçaim. Para isso tentaram saber onde estaria alojado o maquinista do *ferry bote*. Não sendo possível o contacto e não havendo quem soubesse manejar o barco, foi deliberado entre todos que dada a impossibilidade de atravessar o rio, que por volta das 06h fosse formada uma coluna das viaturas que nos transportaria, para seguirmos para o Altinho, de acordo com as ordens recebidas.

Ora, somos uma associação de combatentes que se reúne anualmente para Homenagear os Mortos, os nossos Mortos, foram eles, como poderíamos ser nós.

Quando uma bomba caí, quem sabe que vai morrer?

Mas se pensarmos bem, se esse é o motivo de estarmos aqui, não é o único.

Estamos aqui, porque juntando-nos, revendo-nos uns aos outros, voltamos atrás no tempo em que éramos jovens, cachopos, como dizia o meu grande amigo França.

Queríamos reerguer os nossos amigos Mortos, antes da metralha cair.

Tudo podia ter sido diferente, e devia ter sido diferente, mas a verdade é que aqueles heróis foram a nossa defesa, a nossa mais valia na luta com os políticos, que não sabem o que é a guerra, e o nosso trunfo muitas vezes foram os Mortos, obrigado mais uma vez a vocês, os que caíram no campo da honra.

Aqui estamos portanto, junto aos seus nomes gravados nas lápides deste forte em sua Homenagem.

Seguidamente irei chamá-los um a um e como estão presentes na nossa memória responderemos "PRESENTE".

Fotos da ANPG (Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra)
Isabel Martins , de 21 Janeiro 2022, mkt museu do combatente

JOÃO RODRIGUES CABRILHO:
FACTOS E INCERTEZAS

(Pelo 479º aniversário da sua morte)

Dr.João Soares Tavares/Diário do Minho

Quando passa mais um aniversário do falecimento de João Rodrigues Cabrilho – 3 de Janeiro de 2022 –, esse destacado navegador português do século XVI, evoco o Homem tão esquecido na sua Pátria revivescendo o nosso primeiro "encontro" razão da pesquisa que lhe dediquei.

1 – Ainda a década de setenta do século passado ia a meio, larguei amarras das Termas do Gerês e percorri um caminho florestal, hoje com outra cara, que atravessa a zona leste do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Avisado, iria conhecer localidades de significativo valor cultural: Fafião, Pincães, Cabril e Paradela do Rio, cuja barragem construída na aba da aldeia lhe desviou o nome. Quem encetava os passos na descoberta dessa região montanhosa, levava por incumbência fazer o levantamento de aspectos antropológicos e etnográficos que ainda prevaleciam nas aldeias referidas. Cabril já ficara para trás quando vencidos cerca de dois quilómetros após passar a saída para Azevedo, avistei disfarçada entre penedos e arvoredo uma pequena aldeia denominada Lapela. (Fig.1) Estava longe de imaginar, nesse lugar recôndito fui encontrar o berço natal de um conquistador do Novo Mundo e, posso hoje certificar, percursor do jornalismo na América, porque a sua obra escrita em jeito de reportagem foi publicada na cidade do México entre 11 de Setembro de 1541 e 31 de Dezembro do mesmo ano (1). Todavia, foi o descobrimento da Costa da Califórnia que o imortalizou. Em Portugal era então um desconhecido ou quase, marginalizado pela História de Portugal porque praticou os feitos sob a bandeira de Castela. Refiro-me a João Rodrigues Cabrilho.

2 – Documentos históricos comprovativos da naturalidade do navegador em Lapela não existiam. Segundo a tradição oral, ainda existe a casa onde João Rodrigues nasceu, embora parcialmente descaracterizada. (Fig. 2) Não se diferencia das outras casas do lugar: primeiro andar e rés-do-chão com a escada exterior construída em granito rocha representativa da região. Guarda um segredo. Chamam-lhe *casa do galego.* Assim é conhecida desde há muito a velha casa onde reside a família do Sr. Manuel Rodrigues. A designação intrigou-me. *Casa do galego*! A já idosa mãe do Sr. Rodrigues disse-me já lá vão mais de quatro décadas e meia: é assim conhecida desde o *antigamente*. Acrescentou: *Contaram-lhe os pais e os avós*. Como explicar a denominação? João Rodrigues era oriundo de uma família modesta. A justificação poderá estar relacionada com a sua saída

ainda jovem para a Galiza, talvez a servir, território apegado à aldeia.

Apresento outra hipótese que não será de excluir. Lapela é uma localidade muito antiga. Já tinha vida no início da nacionalidade. Existem provas em documentos fidedignos relativos a São Lourenço de Cabril da concessão de cartas régias por D. Sancho I e D. Sancho II a 30 povoadores de Barroso nos quais se incluíam moradores de Lapela. *(… se habere cartas Domini Regis Sancii primi et secundi;* Inquirições de D. Afonso III, 1258, IAN/TT). Nesses tempos, Lapela era um lugarejo de pastores pertencente à paróquia de São Lourenço de Cabril. Portugueses e galegos vizinhos levavam sem constrangimentos o gado a pastar nas mesmas serras. Portanto, atravessavam livremente a fronteira de um para o outro lado. Porventura, um galego ter-se-á fixado em Lapela de Cabril pelo casamento com uma portuguesa local. Os demais habitantes para identificarem a casa onde o casal vivia chamavam-lhe *casa do galego.* Em finais do século XV primórdios do século XVI, nasceu João Rodrigues. Somente a partir de 1520 quando já se encontrava no México, o navegador juntou *Cabrillo* ao nome, segundo cremos, para se distinguir de combatentes homónimos, como ele militares do exército de Hernan Corts. Na *2ª carta* datada de 30 de Outubro de 1520 uma das cinco "*Cartas de Relación"* que *Hérnan Cortés* escreveu do México ao imperador Carlos V são referenciados três soldados denominados *Juan Rodriguez* pertencentes ao seu exército, mas nenhum *Juan Rodriguez Cabrillo.* (2). Portanto, no exército de Cortés passaram a coexistir pelo menos três militares com o mesmo nome. Um, o português João Rodrigues, para se distinguir dos homónimos acrescentou nesse ano *Cabrilho/Cabrillo* ao nome, impelido como parece congruente pelo topónimo da paróquia de Cabril a que Lapela pertencia, nesse tempo um lugarejo anexo. Na igreja de Cabril terá sido registado e baptizado, embora não possamos confirmar porque os livros paroquiais referentes aos séculos XV e XVI, desapareceram. Todavia, é um facto incontestável: a casa da família Rodrigues de Lapela desde tempos longínquos é identificada por *casa do galego.* Este pormenor, como iremos verificar à frente não é de somenos importância.

3 – Outra revelação no nosso primeiro "*encontro"* foi um velho crucifixo de madeira com um Cristo em metal que se mantém na família há várias gerações*: … oferta que João Rodrigues fez aos pais quando um dia os visitou*. (3) Assim me confirmaram os membros da família Rodrigues.

Não sendo possível proceder à datação do crucifixo pelo Carbono 14 ou

outro, numa das visitas realizadas à casa da família Rodrigues obtive várias fotografias do mesmo. (Fig. 3) *Um especialista em arte sacra espanhola a quem recorri, ao analisar as fotografias do crucifixo, tem opinião que poderá ser efectivamente arte castelhana do século XVI. (4)* Confirma-se documentalmente: Cabrilho viajou da Guatemala, onde então vivia, para a península Ibérica em 1533. Por cá permaneceu cerca de um ano a tratar de assuntos pessoais, nomeadamente a cortejar a sevilhana Beatriz Sanchez de Ortega, sua futura esposa. Ter-se-ia verificado nesse ano a visita aos pais? É provável. Se os documentos sobre a vida de Cabrilho são em geral escassos, no que diz respeito a esse pormenor nada referem.

4 – Cabrilho não pode ser tratado com ligeireza conforme por vezes se verifica até em alguns meios literários. Tudo o que se disser acerca da data em que viu a luz do dia é especular. O 13 de Março de 1499, dia apontado nomeadamente na Wikipedia e que alguns autores seguiram e reproduziram de olhos fechados é um absurdo. Não existe qualquer documento confirmativo relativamente ao dia, sequer ao mês desse ano. Por um cruzamento de dados pesquisados em documentos coevos nomeadamente em frases, aliás imprecisas, atribuídas ao navegador e à mulher, podemos afirmar ter nascido entre finais do século XV e início do século XVI (5), certamente entre 1498 e 1502. Concluindo: indicar um dia para o nascimento de Cabrilho é ficção, precisar o 13 de Março de 1499 é um enorme disparate.

5 – Quem procurar pesquisar nomeadamente na internet o retrato de Cabrilho encontra outra tolice: uma gravura a preto e branco legendada: *"pintura de João Rodrigues Cabrilho".* (Fig. 4). Tem sido repetida até à exaustão em diferentes órgãos de comunicação social, e até a vi estampada num livro cujo autor, crédulo, reproduziu-a convencido que se tratava do retrato do navegador.

Essa gravura, não é a única. Observam-se outras em diferentes meios. Infelizmente desconhece-se a fisionomia do descobridor da Costa da Califórnia, porque não chegou até ao presente qualquer documento credível com um retrato seu ou uma descrição física da responsabilidade de um contemporâneo. Nem o *Archivo General de Indias* em Sevilha que guarda o maior manancial da documentação dos descobrimentos e conquistas espanholas no Novo Mundo, nem os Arquivos e Museus de História da Guatemala território onde Cabrilho viveu durante vários anos, tão pouco o Museu do *"Cabrillo National Monument"* de San Diego, indiciam qualquer informação sobre a fisionomia do navegador. Os cronistas descrevem-no como "*ilustre, valente, honrado, com muita prática em coisas do mar, fidalgo pelos seus próprios méritos, navegador e piloto com valor, almirante de esquadra, grande conhecimento gozava em assuntos marítimos e exploração de costas…".* (6) Sobre o seu aspecto físico: nada. Não existindo um retrato de Cabrilho chegado à actualidade a sua fisionomia aparece diferenciada conforme a inspiração do desenhador, pintor ou escultor. O seu rosto permanece um enigma. Portanto, quando se observar uma gravura com o presumível retrato de Cabrilho é falso. Não tem valor histórico.

6 – Quanto à sua naturalidade citada na cidade espanhola de Palma del Rio, – outrora já a desviaram para Cuellar e para Sevilha –, num livro publicado em Espanha poucos anos atrás não se confirma. Eles bem tentaram encontrar nos arquivos um documento que ateste o seu nascimento nessa localidade. Embora fosse desejo de alguns espanhóis, nada descobriram. Nem sequer acerca dos pais. Inexistentes são também indícios de aí ter vivido antes de embarcar para o Novo Mundo.

7 – Como facto indesmentível existe uma casa em Lapela conhecida desde há muito por *casa do galego,* onde certamente João Rodrigues Cabrilho nasceu e viveu durante a sua juventude. Parece um pormenor vulgar, mas não, é um facto histórico digno de registo. Chamo a atenção para o seguinte: o apelido *galego* colou-se ao navegador, pois um porto da costa mexicana do Pacífico que ele descobriu no Outono de 1540 passou a ser conhecido por Porto de João Galego *(Puerto de Juan Gallego)* em referência óbvia ao seu descobridor. Até então, era somente do conhecimento dos nativos locais que o designavam *Cihuatlán.* O descobrimento resultou de uma ordem dada a Cabrilho pelo Governador da Guatemala e pelo Vice-rei do México no sentido de descobrir um bom porto na costa mexicana mais a norte ainda inexplorada. Está documentado. Entre outros, o bispo da Guatemala *Don Francisco Marroquin*, testemunhou o facto num processo judicial verificado entre a família de Cabrilho e o então governador da Guatemala *Don Francisco de la Cueva*, pois estava presente quando o nosso compatriota reconheceu o porto. (7) Constata-se: João Rodrigues Cabrilho era vulgarmente conhecido entre os marinheiros com os quais se relacionava, mormente pela tripulação do seu barco – o San Salvador –, por João Galego, apelido ligado à casa onde nasceu em Lapela.

O topónimo *Puerto de Juan Gallego* foi oficializado para *Navidad* por ser Natal o dia em que aí aportou a frota com o vice-rei do México, que inicialmente se destinaria às *Especiarias* (Molucas). Não poderá haver dúvidas de que os topónimos citados referem-se ao mesmo porto, o porto descoberto pelo nosso compatriota. Transcrevo de um documento: El *Virrey don Antonio de Mendoza llegó con su armada al propio puerto, el 25 de diciembre de 1540. Precisamente por ser día de Navidad, se le impuso ese nombre al antiguo Puerto de Cihuatlán o de Juan Gallego* (8) Diferentes documentos fornecem a mesma informação. As duas designações mantiveram-se durante alguns anos. *Navidad* prevaleceu por ser o topónimo oficial. (Fig. 5)

8 – Ninguém poderá duvidar da nacionalidade portuguesa de João Rodrigues Cabrilho. Caso contrário, terá de desmentir *Antonio de Herrera* (1549-1625), *Coronista mayor de su Magestad de las Indias y su Coronista de Castilla* ao escrever na sua crónica do séc. XVII, preservada no *Archivo General de Indias* em Sevilha*: Historia General de los Hechos de los castellanos en las Indias y Tierra firme del mar Oceano, Decada VII,* (Ver fig 6), *Capitulo* III, *Del viage, Que hizieron dos nauios, que embio don Antonio de Mendoça a descubrir la costa de la mar del Sur, desde nueua España,* páginas 112 e 113: *"…y nombrô por Capitan dellos a Juan Rodriguez Cabrillo, portugues, persona muy platica en las cosas de la mar",* (9).

Ainda poderão persistir dúvidas sobre *a nacionalidade portuguesa de Cabrilho?* Explorei convenientemente o assunto na biografia que dediquei ao navegador, em outros livros de pesquisa relacionados com o assunto e, também, em crónica publicada neste jornal: "*João Rodrigues Cabrilho Português ou Espanhol?* ". Aí, os incrédulos encontram mais provas da sua nacionalidade portuguesa.

Se João Rodrigues Cabrilho é quase desconhecido em Portugal e os compêndios escolares portugueses ignoram os seus feitos, é consequência de uma visão mais tradicionalista da História porque no mastro principal do seu barco não tremulava a bandeira portuguesa.

NOTAS:
(1)A publicação dessa primeira obra na América está confirmada e em conformidade com a implementação

da Imprensa no México em 1539 da responsabilidade da Casa *Cromberger,* que resultou do empenho do bispo *do México Fray Juan de Zumárraga* e do apoio do Vice-Rei do México *Antonio de Mendoza* (*Nueva colección de documentos para la historia de Mexico*, Mexico, 1886)

(2) Cortés, Hernán, *2ª Carta de Relación*, datada de 30 de Outubro de 1520 escrita a Carlos V. A primeira edição é de 8 de Setembro de 1522 em Sevilha da responsabilidade de Cromberger; a segunda edição é de George Coci de 5 de Janeiro de 1523 em Zaragoza.

(3) Tavares, João Soares, *"João Rodrigues Cabrilho um Homem do Barroso?"*, C.M.M., 1998.

(4) Tavares, João Soares, *cit.*

(5) Nomeadamente na *Probança hecha por parte de Joam Rodriguez Cabrillo nel peyto que tracta com don Franscisco de la Cueva, sobre los pueblos de Tacuba y Jumaytepeque, Archivo General de Indias; Méritos Y servicios de Juan Rodriguez Cabrillo*, in *Anales de la Sociedad de Geografia e Historia, Archivo General del Gobierno de Guatemala*

(6) Tavares, João Soares, *ops. cit.*

(7) Méritos Y servicios de Juan Rodriguez Cabrillo, in *Anales de la Sociedad de Geografia e Historia, Archivo General del Gobierno de Guatemala*

(8) Pizano y Saucedo, Carlos, *El Puerto de la Navidad y la expedición*

de Le- cazpi, México, 1964

(9) Herrera, Antonio de, *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra Firme del Mar Oceano"*, Madrid, 1615
(João Soares Tavares escreve de acordo com a anterior ortografia)

Legendas das figuras:

Fig. 1 – Lapela, aldeia localizada no Parque Nacional da Peneda-Gerês. (Foto JST)

Fig. 2 – A *casa do galego* em Lapela e cozinha secular da casa. (Foto JST)

Fig. 3 – Crucifixo, provável oferta do navegador aos pais, nas mãos de uma familiar de João Rodrigues Cabrilho. (Foto JST)

Fig. 4 – Retrato falso de Cabrilho (Wikipedia)

Fig. 5 – Navidad na actualidade. (Arquivo pessoal)

Fig. 6 - Historia General de los Hechos de los castellanos en las Indias y Tierra firme del mar Oceano de Antonio de Herrera. (A.G.I., Sevilha)

UM HINO DE LOUVOR AOS SOLDADOS PORTUGUESES,

pelo Gen. William C. Westmoreland (USA)

Disse o General William C. Westmoreland em discurso no Congresso dos EUA:

"Querem vencer o Vietname, senhores? Dêem-me 8000 soldados desta gente, e ainda este ano o ***comunismo*** *cai nas terras da Indochina."*

"Eu vi corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem soldados mais brilhantes que os do exército português, em cujas fileiras vi desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada dum Império condenado.

Quantas vezes fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente portuguesa, que sustenta, há mais de dez anos em três frentes de guerra, contra uma poderosa força oculta, a mais encarniçada e gloriosa luta.

Aqueles homens que desconheciam os efeitos de uma bomba H ou o simples apoio dos helicópteros, provêm de terras desde as montanhas às planícies, cada um com seu conto pessoal e motivação para ali, a 10000 km de casa, irem defender os ideais de uma nação há muito esquecida numa Europa dividida.

Tentado fiquei, pois, a dizer que nessa mesma Europa existiam três verdadeiros poderes, cada qual com a sua sombra no Mundo: - A Europa Americana, a Europa Russa, e Portugal.

E é essa raia de gente a quem se pede tanto por tão pouco que, com meios tão escassos e de modos bem simples, carregando na alma a sombra do Império Português, não precisavam do sabor da Coca-Cola, da experiência da droga ou de cultura hippie para combater.

Simplesmente faziam-no, e não abandonavam as armas por uma causa errada, mas defendiam-na não só pela gente lá de casa, mas pela casa lá da gente.

De Portugal, o canteiro mais velho da Europa, vi frutos verdes ou maduros a lutarem lado a lado com igual coragem, como se o combate fosse o ganha pão dessa gente.

Querem vencer o Vietname, senhores? Dêem-me 8000 desta gente, e ainda este ano o comunismo cai nas terras da Indochina."

(General William C. Westmoreland, em relatório ao Congresso dos EUA após a visita ao Quartel-General Português de Nampula, em Moçambique, 1971)

PORTUGAL DEVE SER DOS PORTUGUESES!

23/12/21

"É necessário estarmos apercebidos para nos defendermos de quem quiser ofender, porque a presteza aproveita às vezes mais que a força nas coisas da guerra. Não descansem os amigos da paz, na que agora gozam, se a querem perpetuar, porque o contrário dela, se a virem mansa, levá-la-ão nas unhas".

Padre Fernando de Oliveira (estratega do século XVI).

O ponto a que isto chegou para ter de escrever um título destes...

A Terra é um planeta do Sistema Solar que faz parte de uma galáxia das muitas que existem na aparente infinitude do Universo. Ninguém até hoje descobriu porque é isto assim ou como surgiu.

É um mistério que devemos aceitar (sob pena de tal nos poder transtornar o equilíbrio psico-somático) e continuar a investigar mesmo para aqueles que racionalmente e, ou, com Fé, acreditem que tudo foi criado por um ente transcendente, que normalmente toma a figura de "Deus".

A Terra sendo una em termos da sua finitude e equilíbrio planetário, é formada por uma diversidade enorme de massas terrestres, compostas de numerosas rochas e minerais, e de massas de água, na sua composição doce e salgada e nas suas diferentes formas líquida, sólida e gasosa. Toda a Terra é envolta numa cápsula de ar (cerca de 21% de Oxigénio e 79% de Nitrogénio, o resto de gases raros), a Atmosfera – que se prolonga até à Tropopausa (cerca de 17 km).

A Atmosfera é servida por uma variedade de climas que mudam conforme a sua localização (latitude e longitude) e movimento de Translação (à volta do Sol); do movimento que em simultâneo a terra faz sobre si mesma (Rotação) resulta o ciclo do dia e da noite.

Sobre a crosta terrestre passaram a existir – noutro processo até hoje não desvendado – uma considerável soma de animais e plantas (marinhos, aéreos e terrestres), a que se chamou vida.

Após muitos milhões de anos (não se sabe também quantos) de evolução, cataclismos naturais, alterações climáticas, desaparecimento e nascimento de novas espécies botânicas e zoológicas apareceu, já muito recentemente, na existência do planeta, um hominídeo que viria a dar origem ao homem actual.

Mesmo assim não houve certamente apenas uma espécie de hominídeos, pois veio a resultar a existência de seres humanos (cujo desenvolvimento "superior", se deveu, crê-se, ao crescimento anormalmente elevado do cérebro e possuírem um dedo em cada mão oponível a todos os outros – o que permitia uma capacidade mecânica mais elevada), todos diferentes em termos de tamanho, cor da pele, capacidade intelectual, habilidade psicomotora e sensorial, etc.

Supõe-se ainda que o Homem possui uma "Alma" e uma capacidade de exprimir emoções e pensamentos superior a qualquer outro ser vivo. Também se ignora a razão ou desígnio que fez tal ocorrer desta maneira. Os seres vivos são todos finitos em termos de ciclo de vida terrestre, isto é, nascem, vivem e morrem. Conseguem sobreviver como espécie, por terem a capacidade de se reproduzirem para o que, normalmente, é necessário a existência de um elemento do género masculino que interaja com um elemento do género (convencionou-se chamar-se género)feminino, que nos humanos toma o nome de coito – apesar de agora, como parece que não têm mais nada que fazer, inventar-se coisas "fantasmagóricas" (e se for ele com ele, ou ela com ela, não dá) …

A evolução foi lenta. Muito lenta. A Terra era grande para tão pouca gente e morria-se muito. Agora o crescimento é exponencial e a Terra já é pequena para tantas pessoas. Morre-se pouco e cada vez mais tarde, mesmo matando muito (guerras, aborto, eutanásia; ainda de forme e de maus tratos).

A questão do desenvolvimento e da aquisição de saber, também foi lenta. Muito lenta. E muito diferenciada, conforme as partes da Terra e seus habitantes. Agora é exponencial. As trocas de informação são contínuas e desenfreadas; quiçá instantâneas. Houve uma completa compressão da noção do espaço e do tempo.

Hoje as pessoas que vivem em países que tenham acesso a tecnologia e conhecimentos adequados, não conseguem acompanhar a maioria dos eventos. Vive constantemente ultrapassada. Tal facto não é razoável e não pode acabar bem.

Uma coisa, porém, acompanhou sempre o género humano e isso também os diferencia dos restantes seres vivos: a guerra (os restantes seres vivos raramente se matam a não ser para se alimentarem). Começou na família, passou ao clã; deste à tribo; à comunidade alargada de tribos; à cidade estado; aos impérios, às nações, às alianças entre Estados. As guerras sob todas as formas: políticas, diplomáticas, financeiras, económicas, psicológicas e militares.

Nelas, e até hoje, muitas etnias, povos, países e até civilizações desapareceram, outras tomaram o seu lugar, pois a natureza tem horror ao vácuo…

Entendo que, desejavelmente, todos os povos da Terra devem ter o direito a nela viverem e a desenvolver-se material e espiritualmente, mas tal não lhe dá o direito de querer prejudicar o próximo. E hoje, com o mundo todo descoberto, cada um deve fazê-lo ficando em sua "casa". Pode-se entender que não é justo, mas foi o que se herdou. Ninguém tem, à partida, culpa do que herda. Do mesmo modo que ninguém (que se saiba) pediu para nascer.

A Justiça deve ser, pois, uma procura de sempre e o modo de a realizar não deverá ser pela via violenta. Mas ninguém disse que a natureza humana era perfeita. E nela coexiste tanto o Bem como o Mal, outro mistério até à data não desvendado.

Agora que, para resolver o problema dos conflitos e de um falso e inenarrável interesse sobre a "inclusão", a "igualdade", os "direitos" e mais uma parafernália alargada de quimeras, ou mitos (usados por muitos com segundas intenções) se queira fazer da Humanidade uma só, sem fronteiras, sem raças, sem nações; se queira instaurar tendencialmente uma governança mundial, que irá também levar a um sistema de redução da população (junto com a cultura da morte já instaurada) brutal e à bruta, é que já me parece fora de qualquer desígnio adequado.

Utilizar as crises de refugiados, para a partir daí fomentar o deslocamento de "migrantes" através de "subsídios", ajudas de ONG's ou do simples negócio criminoso de associações de malfeitores, a fim de invadirem outros países (leia-se os países mais desenvolvidos da Europa, EUA, Canadá, Austrália e Nova Zelândia) de modo a acabar-se com fronteiras, substituir populações, tomar países por dentro e destruir a matriz cultural das nações, é que me parece completamente fora de questão. E há que parar tal desastre por todos os meios disponíveis a bem ou a mal.

Usar as migrações como "arma de arremesso" geopolítico (o último caso verificado é o da Bielorrússia), tem que ser considerado inadmissível e ter uma resposta consequente.

Em Portugal o assunto é já sério e é aqui que quero chegar.

Os ocupantes dos órgãos de Soberania (Presidência da República,

Parlamento e Governo) têm feito as três, de três coisas: metido a cabeça na areia como a avestruz; minimizando o assunto e esperando (com esperteza saloia) que o fluxo de migrantes passe por cá a caminho de outras terras e não se fixe (até os soltam…); alinhando no politicamente correcto e fazendo coro com grandes preocupações humanitárias, sempre se respaldando que a solução deve ser concertada no seio da União Europeia, o que já se percebeu que nunca irá acontecer. O desastre é já extenso e pode não reverter.

Das entidades encarregues da Segurança e Defesa Nacionais (a saber, Serviços de Informação, Polícias, Forças Armadas, Conselho Superior de Defesa Nacional) não se ouve nem um pio. Do Conselho de Estado também nada se sabe até porque o PR não parece querer ser aconselhado… E, caramba se há coisa que está em causa é, e a vários títulos, a Segurança e Defesa Nacionais!

Os órgãos de comunicação social reflectem o panorama geral. A generalidade da população, mesmo a que se consegue aperceber de algo e da sua perigosidade fica, como de costume, *"à espera de ver no que dá"…*

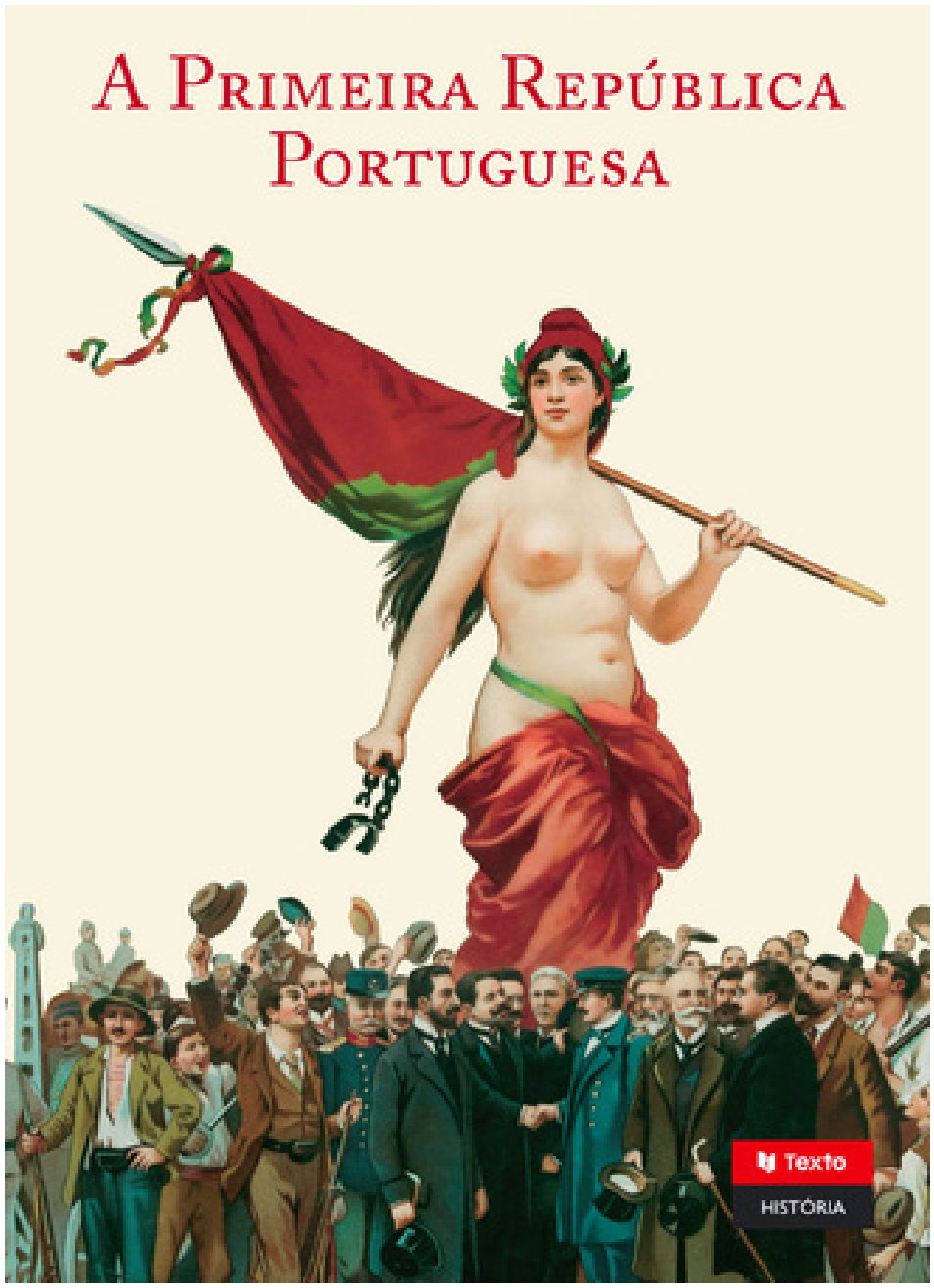
Ou seja, estamos a ser muito mal dirigidos.

O que há a fazer é muito, mas em Portugal nunca há planeamento para nada (a não ser para negociatas e como manter-me ou ir para o "Poder) e a palavra *"Estratégia"* só existe no dicionário.

É preciso pois, começar por denunciar o "Pacto de Marraquexe" de 2018, que nunca devíamos ter assinado; deixar de participar em qualquer acção da ONU, neste âmbito; vigiar efectivamente as fronteiras; remodelar de alto a baixo a lei da nacionalidade – que é um autêntico crime de lesa - Pátria – meter na pildra (a pão e água) quem chegue cá indevidamente, e reenvia-los; deixar de enviar navios e aviões para operações que se destinam a salvar quem se quer meter (ou é metido) na "boca do lobo", etc.

Cumulativamente deve incentivar-se o país a trabalhar, organizando as empresas no sentido da produtividade, fomentando a boa liderança e premiando o mérito e castigando os calaceiros, de modo a aumentar a empregabilidade e o gosto pelo trabalho honesto, que deve ser recompensado de modo a influir na justiça social, ao mesmo tempo que se acabam com as tetas do subsídio dependência e do primado dos Direitos em vez dos Deveres (ou seja, fazer tudo ao contrário do que se tem feito desde o 25 de Abril de 1974…).

É preciso estancar a emigração portuguesa e valorizar o trabalho (não há boas nem más profissões o que há é bons e maus profissionais), de modo a que haja quem queira fazer de tudo e não só ter um curso superior alimentando um negócio universitário cada vez mais nivelado por baixo e sem qualidade nem "pedigree". Só assim a "apetência" para importar mão-de-obra estranha e cada vez mais distante da matriz cultural portuguesa, pode diminuir. É preciso dificultar a entrada, fazer triagem e evitar que fiquem por cá, mais tarde. E é preciso preservar terrenos e património em mãos portuguesas. E tal tem sobretudo a ver com a fixação de reformados de outros países e de empresas, "vistos gold", etc. Se tal não se fizer teremos a médio prazo consequências gravíssimas; e não estou a ser catastrofista…



Em simultâneo é preciso parar (**ontem!**) com o suicídio demográfico em que nos pusemos, fomentando a natalidade (de portugueses); acabando com a *"cultura da morte"*; protegendo e acarinhando a família tradicional e estruturada, pondo fim a experimentalismos cretinos anti-naturais e até patológicos!

A ameaça à nossa matriz cultural portuguesa é imensa; a diluição nessa fantasia federasta europeia, um perigo letal; a traição iberista uma ameaça sempre presente. Há pois que reestruturar a escola e os meios de comunicação de modo a colocá-los ao serviço do que fomos e do que queremos continuar a ser; há que mergulhar o país num banho de Portugalidade e Patriotismo que só se consegue na convicção de uma pertença comum única e que deve ser mantida com orgulho.

Tudo temos de fazer para que a Terra e nós com ela, não seja uma espécie de aquário, onde os peixes grandes comem os peixes pequenos. É preciso pois cuidar da cultura e da identidade nacional, a qual não subsiste se não houver individualidade portuguesa.

A Nação Portuguesa é uma coisa boa, foi uma coisa boa e poderá continuar a ser uma coisa boa (apesar das desgraças já ocorridas), mas a Constituição da (infausta) República não a menciona uma única vez.

Os problemas de cada país devem ser resolvidos pelos próprios, sem embargo do equilibrado relacionamento e ajuda mútua.

Vêm aí dias difíceis (vêm sempre) e a Terra tem recursos que são finitos. Nós devemos saber aproveitar os que temos, mas impedir que outros lhes façam mão baixa.

Portugal e respectivo povo (e nem vou falar no que já nos foi amputado) têm também, e já agora, o Direito à existência. E o maior Dever dos seus naturais é preservá-lo.

Convém afirmá-lo, pois aquilo que parece evidente assim, não o é por razões que não representam, desta vez, mistério algum.

Os portugueses não podem ter andado a batalhar quase 900 anos para agora desaparecerem de um modo insano, como já auguraram – num curto intervalo de tempo - os Dr. Paulo Rangel e António Barreto. Sem, por sinal, esboçarem qualquer palavra de pesar.

João José Brandão Ferreira
Oficial Piloto Aviador (Ref.)